

# PERSPECTIVAS 2025

Porto Alegre | quinta-feira, 19 de dezembro de 2024 | Caderno especial do Jornal do Comércio



## INVESTIMENTOS RENOVAM CONFIANÇA NO RIO GRANDE DO SUL EM 2025

Com aportes significativos na indústria gaúcha e projeção de safra cheia, expectativa é que o Estado registre um crescimento superior ao do Brasil no próximo ano

# Cenários para 2025 incluem otimismo e algumas incertezas

**Perspectiva é de um bom crescimento no PIB do Brasil e do Rio Grande do Sul, mas cenário fiscal, juros, dólar e inflação preocupam**

**Guilherme Kolling**  
 Editor-chefe

Depois de um ano desafiador, especialmente para o Rio Grande do Sul, que viveu sua maior tragédia climática, há confiança e otimismo em relação a 2025. A expectativa apresentada nas projeções para o próximo ano das principais entidades empresariais do Estado é de fechar 2024 com um forte crescimento no Produto Interno Bruto (PIB), o que se repetirá em 2025, também para o Brasil. Nas duas temporadas, a previsão é de que o Estado cresça mais do que o País.

Além de safra cheia, com colheita de mais de 20 milhões de toneladas de soja em solo gaúcho, o Rio Grande do Sul vive um bom momento em termos de investimentos de vulto do setor privado. São aportes em indústrias importantes, além de expressivos empreendimentos no setor de combustíveis, na área agrícola e também de serviços.

Várias dessas iniciativas foram anunciadas antes da enchente e, depois de um período de incertezas no auge dos efeitos do evento climático extraordinário, foram confirmadas. Além de renovar a confiança no Rio Grande do Sul, essas iniciativas terão resultados concretos no próximo ano, com investimentos começando a sair do papel.

Isso vale para os preparativos da nova fábrica de celulose da CMPC, que será construída em Barra do Ribeiro – trata-se do maior investimento privado da história do Rio Grande do Sul, estimado em R\$ 24 bilhões – e também para o novo modelo de carro que a General Motors (GM) fará em Gravataí, além da cidade dos data centers, projetada pela Scala Data Centers para Eldorado do Sul.

No agro, apesar das dificuldades no solo, afetado pelas chuvas, o otimismo predomina, com efeitos positivos também em outras áreas, como a indústria de máquinas e implementos. Usinas de biocombustíveis também trarão mais riquezas e aproveitarão diversas culturas como matéria-prima, caso do trigo que será utilizado na produção de etanol, no Norte do Estado.

A infraestrutura também vai sendo, gradativamente normalizada, com a retomada de estradas e do aeroporto de Porto Alegre, além do trem de superfície da Região Metropolitana, o Trensurb. Evidentemente ainda há muito a ser feito, mas melhorias e até duplicações de rodovias já estão em curso e avançando, caso da BR-116 Sul e de estradas concedidas no Centro do Estado. Além disso, estão previstas

Vários investimentos anunciados para o RS foram confirmados após a enchente, renovando a confiança no Estado

muitas obras para a contenção de cheias, que devem ter início no próximo ano.

Se há razões para otimismo, também é verdade que 2025 é um ano de incertezas pela conjuntura nacional. O Rio Grande do Sul não é uma ilha e, dependendo dos impactos, também poderá ser afetado.

O Brasil vive um ciclo de vários trimestres consecutivos de crescimento. Além do PIB em alta, o nível de empregabilidade tem batido recordes. Entretanto, economistas e empresários demonstram muita preocupação com o cenário fiscal, isto é, as contas públicas devem fechar no vermelho mais um ano, e a tendência é de que não aconteça o esperado superávit em 2025.

Os efeitos imediatos já estão sendo sentidos no final deste 2024, com dólar cotado acima de R\$ 6,00, altas na taxa básica de juros e também da inflação, que embora esteja abaixo de 5% em 12 meses, já superou o teto da meta. Todos esses componentes podem atrapalhar a sequência de crescimento e estabilidade na economia.

Em 2025, é especialmente importante para o País ter essa rota bem ajustada, já que o ano subsequente será de eleições e qualquer reorganização se torna mais difícil.

Por tudo isso, o otimismo para o próximo ano convive também com uma boa dose de incertezas. Reportagens e entrevistas desse especial Perspectivas buscam aprofundar um pouco mais os cenários para 2025, a fim de que cada um possa projetar da melhor forma o que nos espera no próximo ano.

Boa leitura!

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Aporte de R\$ 1,2 bilhão da General Motors (GM) deve começar a sair do papel em Gravataí no próximo ano

## ÍNDICE

4 a 6

Ano será de preparação do Rio Grande do Sul para investimentos recordes

8

O que esperar da Bolsa em 2025

10

Alta oferta de grãos e cotação do dólar embaralham mercado do agro para 2025

11

Indústria de proteína animal mantém expansão no mercado global

12

Plano de transição energética estadual apresentará resultados em 2025

14

Setor metalmeccânico projeta ano difícil

15

Otimismo e resiliência guiam pequenos e médios empreendedores

16 e 17

Frases e Projeções

18

Varejo: novo ano exigirá um olho nas vendas e outro na operação

19

Setor calçadista projeta total recuperação das perdas da pandemia em 2025

20

Ecosistema de inovação gaúcho tem expectativas renovadas

21

Produção industrial gaúcha tem projeção de crescimento de 3,2%

22

Modais de transporte e logística do Estado terão um ano de retomada e de novas oportunidades

24

Recuperação da infraestrutura do RS trará crescimento à construção

25

Ano novo, pauta antiga: revisão do Plano Diretor de Porto Alegre seguirá em debate em 2025

26

Municípios do RS terão desafios orçamentários em 2025, alerta CNM

27

Os projetos prioritários da prefeitura de Porto Alegre para 2025

28

COP 30 no Brasil em 2025 debaterá temas desafiadores

29

Rio Grande do Sul tem que aprender com a tragédia de 2024

30

As projeções de Grêmio e Inter para a próxima temporada

31

14ª Bienal do Mercosul irá movimentar Porto Alegre entre março e junho

## PERSPECTIVAS2025

### EXPEDIENTE

- EDITOR-CHEFE: Guilherme Kolling
- EDITOR-EXECUTIVO: Mauro Belo Schneider
- EDITORA DE ECONOMIA: Fernanda Crancio
- EDITORES: Deivison Ávila, Igor Natusch, Isadora Jacoby e Paula Coutinho
- COLUNISTAS: Bruna Suptitz, Patrícia Comunello e Patrícia Knebel
- REPORTAGEM: Adriana Lampert, Ana Carolina Stobbe, Bárbara Lima, Bolívar Cavalari, Caren Mello, Cássio Fonseca, Cláudio Isaías, Cláudio Medaglia, Eduardo Torres, Gabriel Margonar, Júlia Fernandes, Jefferson Klein, Maria Amélia Vargas, Nico Costamilan, Nicolas Pasinato, Osni Machado, Roberto Hunoff e Rodrigo Stolzmann
- DIAGRAMAÇÃO: Ingrid Müller, Luís Gustavo Van Ondheusden e Gabrieli Silva

Seja bem-vindo  
**#AnoCoop**

**A ONU RECONHECE TODO O IMPACTO DO COOPERATIVISMO. AGORA, QUEREMOS QUE TODOS SAIBAM!**

2025 não é só mais um ano, é o **Ano Internacional das Cooperativas**. A data, definida pela ONU, destaca a **importância do movimento cooperativista** no desenvolvimento sustentável e na transformação social em todo o mundo.

Este é um momento especial para celebrarmos o **impacto do cooperativismo** na vida de milhões de pessoas.

Juntos, vamos fazer de 2025 um marco histórico para o cooperativismo.



**Ano Internacional das Cooperativas**

Cooperativas constroem um mundo melhor

constroem um mundo melhor • cooperativas constroem um mundo melhor • cooperativ

somosCOOP»

  
**SistemaOcergs**  
OCERGS | SESCOOP/RS | ESCOOP

# Ano será de preparação do RS para investimentos recordes

**Depois de enfrentar a tragédia climática de maio, setor industrial gaúcho reforça a confiança nas operações e mantém aportes para 2025**

**Eduardo Torres**  
eduardo.torres@jcrs.com.br

Diante da maior tragédia climática já vivida pelo Rio Grande do Sul, com impacto direto na economia do Estado, a resposta do setor industrial gaúcho, na retomada, foi reforçar a confiança nas suas operações e em novos rumos para a produção e praticamente todas as regiões. Os meses que sucederam a cheia foram marcados por diversos anúncios de investimentos recordes da iniciativa privada na economia do Rio Grande do Sul. A perspectiva para 2025, no rastro do aumento de investimentos em infraestrutura voltados à retomada plena das atividades econômicas, é de um ano de preparação de terreno para que os aportes anunciados possam começar a tomar forma, e em alguns casos, colocar o Estado em novos mapas de protagonismo mundial.



Após início do projeto BioCMPC em 2024, empresa projeta ambiente de negócios forte para o ano que vem

Em 2024, por exemplo, a CMPC assinou o protocolo de intenções para garantir investimentos de R\$ 24 bilhões - o maior da iniciativa privada já realizado no Estado - no seu Projeto Natureza, que resultará na sua segunda planta industrial, em Barra do Ribeiro. Em nota, a multinacional chilena, que produz

celulose em Guaíba, garante que “as perspectivas para 2025 são as melhores, com o ambiente de negócios se fortalecendo com novas iniciativas”.

Após a entrada em operação da evolução promovida na fábrica de Guaíba, com o projeto BioCMPC, a empresa já garantiu em 2024 a redução de 60%

no volume de emissões de gases de efeito estufa na sua unidade, para o próximo ano, o momento será de preparar o terreno para o novo pacote de investimentos, então, a prioridade será o avanço, em mais de 70 municípios gaúchos, da atuação florestal da empresa.

“Acreditamos que temos pela

frente um longo período que será marcado por avanços constantes de produção e ainda mais melhoria nos índices ambientais”, aponta a nota. A previsão é de que as obras em Barra do Ribeiro iniciem durante o ano de 2026.

Uma das regiões mais atingidas pela enxurrada, será também nela, em Eldorado do Sul, que a Scala Data Centers pretende dar o pontapé inicial, com a preparação do terreno, licenciamentos e estruturação da rede elétrica e demais insumos para este novo empreendimento que abrigará uma “cidade de datacenters”, com aporte de R\$ 3 bilhões na sua primeira etapa. A lei que cria o primeiro polo de tecnologia de datacenters do Brasil foi sancionada pelo governo gaúcho ontem, em Eldorado.

“O grande desafio do Brasil hoje, para avançar na transição digital, especialmente em Inteligência Artificial, é infraestrutura. O nosso negócio é a infraestrutura em datacenters, portanto, investimentos a longo prazo. O que faremos em Eldorado do Sul não tem nada igual no mundo. Queremos que o Vale do Silício se estabeleça aqui”, diz o vice-presidente de desenvolvimento da Scala Datacenters, Luciano Fialho.

## Aposta é de aquecimento para o setor automotivo em 2025

No outro eixo da Região Metropolitana, a General Motors (GM) garantiu, em 2024, uma nova etapa de investimentos em seu complexo automotivo. Serão R\$ 1,2 bilhão aportados no município até 2028. Neste ano, uma primeira parada na produção já foi realizada para os primeiros ajustes ao novo aporte, e essa rotina deve se repetir em 2025. A GM evita detalhes sobre o novo modelo que será produzido em Gravataí a partir da nova onda de investimentos, e resume: um novo veículo Chevrolet em um segmento ainda não explorado pela marca no País.

A tendência é de que o novo modelo, como parte do Projeto Carbon, já virá com uma evolução do

motor híbrido, a ser lançado em outro modelo em 2025.

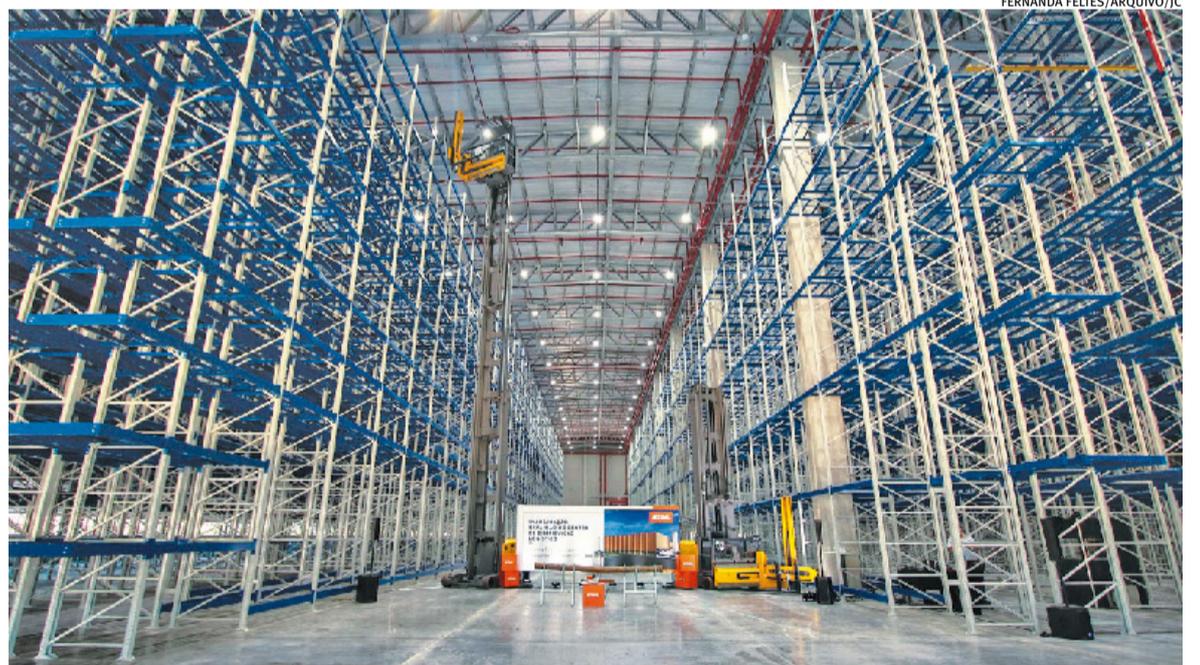
O setor encontra cenário positivo também na Serra, onde a Randoncorp aposta no aquecimento dos seus setores de atuação tradicionais, como ônibus, caminhões e semirreboques, e também no investimento em novos negócios.

“De maneira geral, projetamos um ano de 2025 positivo, considerando aspectos como o crescimento do agronegócio. Somos uma multinacional, mas o Rio Grande do Sul é o estado que sedia a maior parte das nossas operações, com 70% das receitas produzidas aqui”, diz o CEO da Randoncorp, Sérgio Carvalho.



GM garantiu em 2024 nova etapa de aportes na fábrica em Gravataí

## Novas contratações e aportes em tecnologia e automação



Stihl prevê investir R\$ 150 milhões em projetos de tecnologia, automação e capacitação em São Leopoldo

Na produção de peças e equipamentos, com grande destaque nas exportações, a Stihl, a partir de São Leopoldo, já deve iniciar 2025 com a contratação e o início das atividades de 100 novos profissionais na sua fábrica. A multinacional alemã prevê investir R\$ 150 milhões no Estado em projetos de tecnologia, automação e capacitação profissional de colaboradores e de revendedores.

Ainda assim, o cenário exige atenção, como alerta o presidente da Stihl do Brasil, Cláudio Guenther: “O cenário para 2025 segue sendo desafiador e complexo, considerando que a consolidação da

política econômica brasileira está caminhando com incertezas e dificuldades. Além disso, na conjuntura mundial, os conflitos geopolíticos estabelecidos em diferentes partes do mundo agregam instabilidades e dificuldades para os negócios globais, como o da Stihl. É preciso acompanhar de perto e atentamente os movimentos para melhor tomada de decisão”.

A prioridade da fabricante do Vale do Sinos estará no lançamento de produtos, com mais de 20 novos equipamentos devendo ser apresentados ao mercado nacional. O ano também deverá ser de consolidação do e-commerce da

marca, lançado em 2024, assim como a expansão de lojas físicas próprias.

Em 2024, foi inaugurado a expansão do Centro de Distribuição da fábrica em São Leopoldo, que conta com uma usina fotovoltaica para tornar a instalação totalmente autossuficiente, com R\$ 80 milhões investidos.

Também foram investidos R\$ 4 milhões no projeto de reuso de efluentes, que gera uma economia de recurso hídrico em 32% e de custo em, aproximadamente, R\$ 1,1 milhão por ano. “Seguiremos reforçando nossas ações de ESG, avançando na sustentabilidade”, garante Guenther.

# Em 2025 viva o natural.

Acreditamos que viver o natural é valorizar o que a natureza nos oferece, respeitar o meio ambiente e cultivar escolhas sustentáveis no nosso dia a dia. Em 2025, queremos inspirar você a se conectar com o que é essencial, para aproveitar cada momento ao ar livre e fazer parte de um futuro mais verde.

- Viva o sol
- Viva o canto dos pássaros
- Viva o contato com a terra
- Viva as ondas no mar
- Viva o ar fresco
- Viva 2025.



VIVA  
O NATURAL  
cmpc



Aponte a câmera do seu celular e assista ao nosso filme.



Acompanhe as nossas redes sociais:  


 /CMPCBrasil

Saiba mais em  
[www.cmpcbrasil.com.br](http://www.cmpcbrasil.com.br)

# Reconstrução com maior foco na indústria

**Companhias instaladas no Estado trabalham para recuperar linhas de produção atingidas pelas cheias e avançar no mercado**

A sustentabilidade é uma das marcas da Gerdau, que produz no Rio Grande do Sul aço 100% a partir da reciclagem de sucatas. A empresa, com unidades em Charqueadas e Sapucaia do Sul, teve papel fundamental nas ações de reconstrução do Estado no pós-cheia, com mais de R\$ 50 milhões investidos desde a recuperação da infraestrutura até instalações educacionais atingidas pela água. Para 2025, como aponta o CEO Gustavo Werneck, a expectativa é de que a reconstrução continue, mas com maior força na indústria.

“Esperamos que o próximo ano seja de retomada de setores importantes da economia gaúcha, com destaque para consumidores intensivos em aço, como indústria, construção civil, agrogócio, automotivo, entre outros”, resume.

A companhia segue investindo na qualificação da matéria-prima para este crescimento da produção industrial. Após um aporte de R\$ 140 milhões, é previsto para 2025 o início da produção na linha de descascamento na unidade



Retomada de setores importantes da economia gaúcha, com destaque para indústria do aço, são esperados em 2025

de Charqueadas, de onde saem aços especiais usados principalmente pela indústria automobilística.

“A nova linha permite produzir aços com tolerância dimensional mais restrita para atender às exigências dos mercados automotivos, entregando maior produtividade e segurança, aliado com um menor impacto ambiental na geração e destinação de resíduos do processo”, detalha Werneck.

No próximo ano, a empresa também pretende seguir com a

implementação do gás natural nas suas duas plantas. A iniciativa é uma parceria com a Petrobras e a Sulgás. Segundo Gustavo Werneck, um dos objetivos é promover o desenvolvimento do mercado livre do gás natural no Rio Grande do Sul.

O ano de 2024 havia iniciado com a perspectiva de uma atividade inédita da Gerdau, no Porto de Rio Grande, para o descomissionamento das plataformas P-32 e P-33, para o uso das sucatas na sua produção. Um imbrógl

não permitiu o avanço do projeto, no entanto, o CEO da empresa garante que os esforços para o desmonte das plataformas seguirão em 2025.

“Conseguimos retirar um volume importante destes materiais dos mares brasileiros e transformá-los em novos produtos de aço, uma vez que o aço é um item infinitamente e totalmente reciclável. Outros materiais serão enviados para descarte seguro e correto, com praticamente 100% da unidade sendo reciclada”, aponta Werneck.

## A retomada da produção na Capital

Uma das imagens mais marcantes do período de inundação no Estado foi a fábrica da Coca Cola FEMSA, na entrada de Porto Alegre, submersa, como uma demonstração do potencial destruidor do que aconteceu em maio. Na recuperação, a resposta, que começará a sair do papel em 2025, também foi simbólica. A empresa anunciou um pacote de investimentos de R\$ 886 milhões no Rio Grande do Sul, dos quais, R\$ 600 milhões na unidade de Porto Alegre. O setor industrial de bebidas responde por até 27% da arrecadação de ICMS da Capital. Por isso, a retomada da produção plena da Coca Cola, prevista para o primeiro semestre de 2025, com maquinário todo renovado, é tão importante para a retomada da economia neste próximo ano.

## Indústria avança com o ritmo do agronegócio



Be8 investe na planta em Passo Fundo, onde começará a produzir em 2026 etanol e glúten vital a partir do trigo

Um dos pilares do desenvolvimento do Norte do Estado, o agro mobiliza os aportes de quase R\$ 1 bilhão da Be8 em Passo Fundo, para iniciar a sua produção de etanol e glúten vital, tendo o trigo como matéria-prima, a partir de 2026. O próximo ano será de avanço das obras e, no campo, o amadurecimento da lavoura do trigo específico para a produção de combustíveis.

Em 2024, foram 10 mil hectares experimentais plantados, que devem avançar neste próximo ano. Enquanto

isso, a empresa, assim como boa parte da indústria da região, beneficia-se do avanço da soja, que deve ter um ano de importante retomada.

Já no Vale do Rio Pardo, é o fumo que movimenta a indústria beneficiada pelo agro. O produto mantém as primeiras posições entre os valores exportados pelo Rio Grande do Sul e a perspectiva, segundo a Afubra, é de um crescimento de 30% na produção de tabaco em 2025 em relação ao último ano.

Em nota, a Japan Tobacco

International (JTI) prevê um aumento de 35% na produção em 2025, com 96% da produção destinada às demandas da JTI Global. Ao todo, a empresa finalizará R\$ 60 milhões em investimentos na fábrica de Santa Cruz do Sul. “Acreditamos ainda no desenvolvimento da indústria do tabaco no Brasil, com potencial para novas tecnologias e produtos, além da valorização da cadeia de exportação, capaz de gerar mais empregos e oportunidades, especialmente para os produtores do Sul do País.”

## Desafios para setores petroquímico e calçadista

Para uma das principais indústrias petroquímicas do Rio Grande do Sul, o cenário que se desenha para 2025 é desafiador. De acordo com o gerente de relações institucionais da Braskem, Daniel Fleischer, a indústria passa por um ciclo histórico de baixa.

“Em 2025, o mercado deverá apresentar uma recuperação gradual estimulada por fatores como o aumento de consumo de produtos plásticos nas cadeias de embalagens e a vigência de nova alíquota de importação das resinas, que tendem a aquecer a produção nacional. A capacidade instalada e a diversidade de ativos e tecnologias empregadas em Triunfo fazem da operação da Braskem no Rio Grande

do Sul um componente essencial dentro da estratégia da companhia em termos de produção e rentabilidade do negócio”, resume Fleischer.

Quem também está de olho na movimentação do mercado no próximo ano é o presidente da Calçados Beira Rio, Roberto Argenta. Com atuação destacada entre os vales do Sinos, Paranhana e Taquari, a empresa expande a sua presença na produção no Estado e no mercado exportador.

“Nós vamos concluir os investimentos iniciados neste ano, aguardar a recuperação do mercado nacional, aumentar as exportações e avaliar como esse cenário evolui para definirmos onde investir”, aponta o empresário.



Braskem aposta na recuperação gradual do mercado no novo ano

@fecomerccio\_rs  fecomerccio-rs  
 fecomerccio-rs.org.br/congressotrabalhista



**9º CONGRESSO DE**  
 Relações Sindicais  
 e do Trabalho  
**Fecomércio RS**

# PREPARE-SE PARA O FUTURO DAS RELAÇÕES SINDICAIS E DO TRABALHO



A Fecomércio-RS convida você a participar do maior evento da área, em Torres/RS.

Um encontro imperdível com especialistas renomados, debates e troca de experiências.

## INSCRIÇÕES ABERTAS



**20 a 22 de março**



**SAPT - Torres/RS**

### INSCREVA-SE:

[fecomerccio-rs.org.br/congressotrabalhista](https://fecomerccio-rs.org.br/congressotrabalhista)



**ENTENDA.**

**DISCUTA.**

**COMPARTILHE.**



**Fecomércio RS**  
 CNC Sesc Senac  
 Sindicatos

# O que esperar da Bolsa de Valores em 2025

**Cenário macroeconômico com alta de juros gera cautela dos analistas**

Nicolas Pasinato  
nicolasp@jcrs.com.br

Após um ano de 2024 em que a Bolsa apresenta um desempenho aquém do esperado em relação às projeções iniciais, com desvalorização de cerca de 7% no ano (até o dia 13 de dezembro de 2024), os analistas do mercado adotam uma postura de cautela para 2025. Ou seja, nem tanto otimismo, nem tanto pessimismo.

Sob a ótica do copo meio vazio, o mercado vê um cenário macroeconômico difícil com uma taxa Selic em tendência de alta, inflação pressionada, risco fiscal elevado e desaquecimento da economia. Na visão do copo meio cheio, está o cenário micro positivo, com ações brasileiras com bom valuation, empresas aumentando a sua receita e gerando dividendos aos investidores.

“Olhando para a Bolsa, temos uma visão neutra para 2025. Por um lado, entendemos que as ações brasileiras seguem atrativas, já que empresas mantêm fundamentos sólidos e níveis recordes de retorno aos



Previsão do mercado para a Selic é que chegue a 14% em 2025, o que pode enfraquecer investimentos em renda variável

acionistas. Por outro, juros mais altos trazem risco de ajustes baixistas nas expectativas de lucros para 2025”, resume Julia Aquino, Estrategista Quantitativo da XP.

Conforme o Boletim Focus divulgado nesta segunda-feira, dia 16, a previsão do mercado financeiro para a taxa básica de juros, a Selic - hoje em 12,25% - é que chegue a 14% ao ano até o fim de 2025. Historicamente,

ciclos de alta de juros tendem a penalizar a Bolsa, uma vez que, com juros mais altos, os investidores alocam seus recursos em ativos de renda fixa e diminuem em renda variável.

Por todos esses reflexos gerados à Bolsa, a condução da política monetária pelo Banco Central no próximo ano será observada de perto pelo mercado, já que será comandada por um novo presidente. Sai Roberto Campos

Neto, entra Gabriel Galípolo.

Para o economista e head de renda variável da Fami Capital, Gustavo Bertotti, ainda é cedo para avaliar como será a conduta de Galípolo à frente da autarquia. Ele observa, porém, que o momento é de uma postura hawkish (agressiva) por parte do BC, jargão econômico utilizado para indicar uma tendência de subir juros para conter a inflação.

## Setores para ficar de olho no novo ano

Com o cenário macroeconômico posto, o economista e head de renda variável da Fami Capital, Gustavo Bertotti, sugere que os investidores da Bolsa devam priorizar para o próximo ano empresas reconhecidas por terem bons fundamentos e com forte geração de

caixa, que acabam sendo menos impactadas com um clima econômico desfavorável. Assim, ele vê companhias com essas características em setores como celulose, sistema financeiro e agro. “Empresas que têm parte da receita em dólar, em um momento que o câmbio

encontra-se nesse patamar, também tendem a ser mais resilientes neste cenário”, acrescenta Bertotti.

Na mesma linha, Julia Aquino, estrategista quantitativo da XP, pontua que foi feita uma análise que mostrou que nos últimos seis ciclos de alta de

juros, o retorno médio do Ibovespa foi de -7,3% (se excluir a alta durante pandemia, média é de -10,9%). “Assim, preferimos um posicionamento focado em nomes de carregamento e forte dinâmica de lucros, com alavancagem financeira baixa, particularmente nomes dolarizados”, diz

Segundo ela, com a taxa Selic aumentando, foi feita uma análise de sensibilidade dos lucros das empresas na cobertura da XP para entender melhor o impacto potencial para as ações brasileiras. Esta análise considerou três fatores principais: o impacto nos lucros, o índice preço/lucro projetado e a alavancagem medida pela relação Dívida Líquida/EBITDA de 2025.

“Assim, identificamos que os setores mais afetados pelo aumento da taxa Selic são Transportes, Propriedades Comerciais, e Mineração & Siderurgia. Esses setores são particularmente sensíveis a mudanças nas taxas de juros devido à sua dependência de financiamento e à dinâmica de gastos dos consumidores. Os setores que são menos impactados incluem Bens de Capital, Alimentos & Bebidas e Agro. Esses setores têm sua estrutura de dívida atrelada a outro índice (como a inflação), possuem hedge efetivo e/ou têm dívida em moeda estrangeira”, resume.



Segmentos mais afetados pelo aumento dos juros são Mineração e Siderurgia, Transportes e Propriedades Comerciais

Inflação acima da meta e dólar alto preocupam agentes do mercado

Ainda de acordo com o mais recente Boletim Focus, pesquisa divulgada semanalmente pelo BC com a expectativa de instituições financeiras para os principais indicadores econômicos, a projeção da inflação para o próximo ano subiu de 4,59% para 4,6%, ou seja, acima do teto de 4,5% do sistema de metas previsto para o próximo ano.

“O cenário do ano que vem é uma inflação crescente, principalmente, durante o primeiro semestre. Com isso, o Banco Central vai ter que atuar, ter pulso firme e não ceder às pressões políticas do governo”, afirma o economista Gustavo Bertotti, enfatizando a importância da preservação da autonomia do BC, representada pela Lei Complementar 179, que vigora desde 2021.

A desvalorização do real ante o dólar, que já supera o patamar de 20%, contribui para essa análise de inflação pressionada no próximo ano. Levantamento feito pela agência classificadora de risco Austin Rating mostra que o real está entre as oito moedas que mais perdeu valor frente ao dólar em 2024.

O movimento de alta do dólar se intensificou desde o anúncio do pacote de ajuste de gastos do governo federal, no fim de novembro, que, para boa parcela do mercado, veio com medidas aquém do esperado.

“O governo demorou mais de dois meses para apresentar as medidas de corte de gastos e o anúncio veio com bastante ruído ao trazer a questão de isentar o imposto de renda de pessoas que ganham até R\$ 5 mil por mês sem apresentar os cálculos de como fará isso sem comprometer as contas públicas”, pontua Bertotti.

Além do risco doméstico mais alto, a tendência de depreciação do câmbio observada neste ano e que deve seguir no próximo ano se explica também, conforme relatório “Onde investir em 2025” da XP Research, pela valorização global do dólar com a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos e pela queda dos preços das commodities exportadas pelo Brasil (grãos, petróleo, minério de ferro), que caíram cerca de 15% no acumulado do ano.

A previsão de cotação do dólar está em R\$ 5,99 para o fim deste ano, aponta o relatório Focus. No fim de 2025, estima-se que a moeda norte-americana fique em R\$ 5,85.

# Sua empresa está preparada para atingir resultados positivos em 2025?

Atingir suas metas será mais fácil com as **consultas positivas** de pessoas físicas da CDL POA! Tenha em mãos uma solução que transforma dados em decisões inteligentes, impulsionando suas vendas a prazo de forma estratégica.



## O que as consultas da Família SCPC entregam?

**Informações assertivas:** conheça o perfil completo de seus clientes para oferecer crédito com confiança.

**Mais vendas:** aumente seus resultados em até 50% com análises inteligentes que identificam boas oportunidades.

**Fortaleça relacionamentos:** fidelize clientes com soluções que valorizam um histórico positivo.

Entre em contato com a CDL POA e comece **2025** com as soluções certas para sua empresa crescer.

Acesse  
[cdlpoa.com.br](http://cdlpoa.com.br)



**EQUIFAX**

BoaVista

 **CDL** POA

# Alta oferta de grãos e cotação do dólar embaralham mercado para 2025

**Produção nacional de soja é estimada em quase 170 milhões de toneladas, sendo mais de 22 milhões no RS**

**Claudio Medaglia**  
claudiom@jcrs.com.br

Depois de uma sequência de safras marcadas por sucessivas estiagens que impactaram a produção agrícola, o cultivo deste verão sinaliza boas perspectivas para a colheita em 2025. Soja, milho e arroz despontam com produção em alta. Mas a oferta abundante pressiona as cotações para patamares inferiores, exigindo atenção e estratégia para avaliar o melhor momento para a comercialização.

O Brasil caminha para uma colheita recorde de 322 milhões de toneladas de grãos. Somente a soja deverá render volume próximo a 170 milhões de toneladas – e mais de 22 milhões no RS. Performance semelhante é esperada na Argentina, onde as lavouras apresentam bom desenvolvimento.

Conforme o coordenador de Inteligência de Mercado da Hedgepoint,

Luiz Fernando Roque, o grande desafio para o produtor é desvendar o cenário para fazer o melhor negócio possível, especialmente no primeiro semestre do próximo ano.

“O único fator, hoje, que está ajudando, de alguma forma, trazendo algum suporte para preço, é o câmbio. Os outros dois fatores, que são Chicago e prêmios de paridade de exportação, estão pressionados, principalmente os prêmios, que já estão em queda e tendem a ceder ainda mais na entrada da safra. Uma produção desse tamanho não tem prêmio que segure”, aponta.

O analista projeta queda nas cotações na Bolsa de Chicago, caso se confirme uma grande safra na América do Sul, podendo perder até a US\$ 1,00 por bushel, em relação aos atuais US\$ 10,00. O caminho para o produtor, sugere Roque, é manter a atenção e aproveitar o câmbio elevado.

“O dólar até pode subir mais, mas já temos um patamar histórico. E temos que diminuir o risco, diante desse cenário de preços mais fracos ali na frente”.

Para o trigo, segundo grão mais produzido no mundo, a projeção do Departamento de Agricultura dos



Safra brasileira de grãos pode chegar a 322 milhões de toneladas; oleaginosa será o carro-chefe mais uma vez

Estados Unidos (USDA) é de uma safra global de 794,7 milhões de toneladas. No Brasil, depois de uma colheita de 11,4 milhões de toneladas em 2022 e 8,5 milhões de toneladas no ano passado, a safra será ainda menor. A produção deve fechar em cerca de 7,3 milhões, contrariando a estimativa inicial, de mais de 9 milhões de toneladas.

A quebra na maioria dos estados produtores, com exceção para Rio Grande do Sul e Santa Catarina, fará com que o País vá com força às compras no mercado internacional para garantir o abastecimento interno. Ruim para o Paraná, que será grande importador, bom para o RS, cuja produção, com qualidade, deverá atender aquele Estado, projeta o analista Elcio Bento,

da Safras & Mercado.

Segundo ele, produtores gaúchos poderão aproveitar a cotação do dólar para exportar. Enquanto as indústrias terão, também, de buscar matéria-prima no exterior.

Estudo da Emater/RS aponta, com a colheita praticamente concluída no Rio Grande do Sul, projeção de 4,12 milhões de toneladas. Um crescimento de 57,2% na produção e de 77,9% na produtividade, mesmo com a redução de 12,2% na área plantada.

Até outubro, 1,9 milhão de toneladas do cereal gaúcho foram exportadas.. Já as importações passaram de 104,5 mil toneladas em 2023 para 597,6 mil toneladas, sendo 535,5 mil da Argentina.

O país vizinho deve colocar nos moinhos brasileiros até 7 milhões de toneladas de trigo, diz Bento. Com problemas pontuais na safra, os argentinos colherão mais de 18 milhões de toneladas, das quais 12 milhões irão para exportação.

E, embora as bolsas dos Estados Unidos estejam em baixa, precipitando a safra americana, que tem bom desenvolvimento, a tendência é de aumento nas cotações. É que o governo de Vladimir Putin na Rússia está impondo taxas para conter as exportações, diante de uma produção menor, elevando os preços locais, o que deve pressionar as bolsas americanas para cima, finaliza o analista da Safras & Mercado.

## Queda das cotações do arroz na entressafra é um alerta

No arroz, que manteve preços firmes para o produtor brasileiro ao longo do ano, o momento é de queda nas cotações em plena entressafra e com tendência baixista para o primeiro semestre de 2025. Um dos motivos, conforme o presidente da Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz), Alexandre Velho, é a oferta de contratos de opção de venda ao governo pelo preço de R\$ 87,00 para a saca de 50 quilos em agosto de 2025, já abaixo dos custos de produção, entre R\$ 90,00 e R\$ 100,00.

Mesmo com baixa adesão – na primeira rodada apenas 4% das 500 mil toneladas pretendidas pela Conab foram comercializadas –, o movimento criou um balizador de mercado ruim. “É um valor que, com despesas de transporte e outros custos, traz o preço da saca para R\$ 80,00. Não serve para o mercado e pode desestimular o plantio na próxima safra”, avisou o líder arrozeiro.

O analista da Safras & Mercado Evandro Silva observa ainda que o consumo enfraquecido e também a baixa nas exportações fizeram o mercado perder sustentação. “A previsão



Previsão é de uma produção nacional de 12 milhões de toneladas de arroz

de safra cheia, com uma produção nacional perto de 12 milhões de toneladas e perto de 16 milhões em todo o bloco do Mercosul, indica um cenário de oferta abundante. Com base nisso, uma pressão negativa sobre os preços, principalmente no primeiro semestre, que tem entrada da safra gaúcha e também

maior volume de importações”, projeta.

Mas no RS, a tendência é de diminuição na área plantada em relação à projeção inicial, de 948 mil hectares. Encerrado o período recomendado pelo zoneamento agroclimático para a semeadura de arroz, cerca de 50 mil hectares ainda não foram plantados.

## Produtor de milho gaúcho pode ter vantagem na hora da venda do grão

Cultura mais produzida no mundo, com 1,2 bilhão de toneladas, o milho corresponde a cerca de 40% da produção global de grãos. E nesta safra deverá gerar 119,6 milhões de toneladas no Brasil. O cereal, cuja demanda no Rio Grande do Sul gira em torno de 7 milhões de toneladas, não deve ultrapassar as 5,3 milhões colhidas. Como o Estado planta e colhe primeiro, pode ser beneficiado na hora de comercializar.

O resultado é a evasão de dinheiro do Rio Grande do Sul e a geração de empregos em outros Estados, de onde os gaúchos importam, lamenta o produtor Paulo Vargas, coordenador da Comissão de Milho e Feijão da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul). Ele destaca a importância da cultura na rotação com outras, contribuindo para reduzir pragas nas lavouras e a alta produção na safrinha, principalmente no Centro-Oeste.

“No RS, a safrinha não funciona devido à questão climática e o período de semeadura, pós-soja, que não favorece. Mas o Estado planta primeiro, e

pode vender mais cedo, quando ainda há pouca oferta do produto. Entretanto, se a safrinha não for boa, seria melhor esperar para vender melhor depois”, analisa.

A perspectiva de safra é positiva no RS, com potencial de colher entre 120 e 150 sacas de 60 quilos por hectare em muitas regiões. Entretanto, no ciclo passado, com o clima chuvoso, o manejo da cigarrinha-do-milho ocasionou uma baixa produtividade, mesmo com lavouras bem estabelecidas, lembra o agrônomo Décio Fernando Neuls, assistente técnico da Kakau Insumos, de Carazinho.

“A expectativa, agora, é de uma baixa pressão pela praga, pouco dano e produtividade alta. Mas muitos produtores saíram da cultura por medo de alto custo com o manejo para enfrentar a cigarrinha e a incidência de enfezamento, doença transmitida pelo inseto”, observa Neuls.

Segundo ele, as cotações sugerem que, no momento, é melhor vender no mercado interno e não exportar.

AGRONEGÓCIO

# Indústria de proteína animal mantém expansão no mercado global

**Em novembro as exportações de carne de frango aumentaram 16,5% na comparação com 2023**

**Claudio Medaglia**  
claudiom@jcrs.com.br

A performance nacional dos setores de aves, suínos e ovos foi de superação de recordes, consolidando o País como grande player desses segmentos no mercado internacional. Apesar da diminuição importante nas compras pela China, maior parceiro comercial do Brasil, a diversificação de destinos e o crescimento da presença dos produtos nacionais em outros países compradores mostram a importância e o respeito alcançado junto ao mercado internacional, destaca a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

E a tendência para os próximos anos é de expansão de mercados, crescimento da produção e de abastecimento global, sem deixar de atender o consumidor interno.

“Houve crescimento expressivo nas exportações em oito dos 10 principais destinos das exportações de carne de frango do Brasil em novembro, mês que foi marcado por forte elevação comparativa, considerando também o fato que novembro de 2023 registrou o menor desempenho mensal daquele ano. As exportações de carne acumularam altas consecutivas nos últimos três meses e devem confirmar as previsões positivas do setor para 2024”, avalia o presidente da ABPA, Ricardo Santin.

No RS, a indústria de carne de frango registrou queda de 5,3% nas exportações de janeiro a novembro de 2024 sobre o mesmo período de 2023.



ABPA/DIVULGAÇÃO/JC

Doença de Newcastle deixou prejuízo estimado de R\$ 173 milhões

Os embarques ficaram em 636,1 mil toneladas, queda de 35,2 mil toneladas. Parte importante desse resultado se deve à ocorrência de um foco da doença de Newcastle em uma granja comercial de Anta Gorda, em julho. O setor vinha com expectativas e estimativas de crescimento na ordem de 3% a 4%, resultado que não será alcançado.

O episódio no Vale do Taquari levou à interrupção das vendas externas, que vêm sendo retomadas aos poucos após o encerramento do caso. O prejuízo estimado com a enfermidade foi de R\$ 173 milhões, referente a 35,2 mil toneladas que deixaram de ser exportadas no período.

Conforme a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), foi preciso buscar a retomada de alguns mercados e o redirecionamento dos embarques para países que restringiam as exportações apenas no raio de 10 km do local. Assim, em novembro as exportações de

carne de frango do Rio Grande do Sul aumentaram 16,5% na comparação com o mesmo período de 2023, que embarcou 55,9 mil toneladas.

No setor de ovos, houve ligeiro crescimento no acumulado de janeiro a novembro de 2024, na ordem de 2,6%. Conforme a entidade, o número é indício de retomada acelerada da exportação da proteína ovos, que a cada ano vem conquistando mais espaço no mercado externo.

“Estamos em busca de recuperação. Com a realização da grande Conferência Brasil da Indústria e Produção da Carne de Frango, em Gramado, passamos uma importante mensagem que estamos prontos para recuperar mercados e atender aquelas centenas de importadores que fidelizamos ao longo da trajetória pujante das nossas exportações”, disse José Eduardo dos Santos, presidente da Organização Avícola do RS (Asgav/Sipargs).

## Cadeia leiteira busca estabilidade e previsibilidade nos preços

A realização de contratos futuros de compra e venda de leite, permitindo a previsibilidade e planejamento para investir, é uma das principais lutas dos produtores do setor para 2025. Afinal, pela falta de circunstâncias como essas e pelas dificuldades causadas por problemas climáticos – que impactam na alimentação dos animais e na produção – metade das famílias que atuavam na atividade desistiram nos últimos 10 anos. Produtores e indústrias defendem também preços mais estáveis e condições de competitividade com produtos do exterior.

Para o presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), Marcos Tang, saber quanto vai receber pelo litro de leite entregue é o mínimo que se pode esperar para a implementação de avanços tecnológicos.

“É com isso que podemos assegurar a qualidade e a sanidade dos produtos, bem como todas as exigências legais, com as quais concordamos. Mas, ao contrário, vivemos incertezas. E, além do mais, quando o preço sobe, é degrau por degrau. Mas quando cai, desce de elevador.”

Segundo o dirigente, o Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Rio Grande do Sul (Conseleite/RS) tem feito um debate mais maduro, mas ainda é preciso avançar mais.

Tang lembra que as sucessivas estiagens de anos anteriores impuseram grandes desafios ao produtor. E que a enchente de maio levou pastos semeados, solo e, em alguns locais, as próprias vacas e instalações.

“O ano de 2024 foi de alguma estabilidade. Até novembro não havia quedas (de preço) mais importantes. Mas todo fim de ano há tendência de queda de remuneração ao produtor, o que complica bastante, porque a produção cai com o estresse térmico a que são submetidos os animais, afetando a

produção de alimentos e a produção de leite.”

A preocupação com a questão da previsibilidade dos preços e com os efeitos das mudanças climáticas sobre os plantéis é compartilhada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetagr-RS). Para o vice-presidente da entidade, Eugênio Zanetti, 2025 deverá trazer aumento dos custos de produção, principalmente por conta da elevação da cotação do dólar. E, com a redução dos preços no final do ano, ao contrário da estabilidade verificada ao longo de 2024, surge um alerta de que o próximo ano seja de rentabilidade pressionada.

“Com as mudanças climáticas, a produção agrícola, essencial para a alimentação dos rebanhos, é afetada. Apesar de ser uma atividade pecuária, a produção leiteira depende diretamente da agricultura, tornando as alterações no clima, como secas prolongadas ou enchentes, um fator crítico para o setor que afetam pastagens, a silagem, e os grãos para a ração concentrada.”

Zanetti ressalta que condições climáticas extremas afetam diretamente a saúde dos animais e seu desempenho. No Centro-Oeste, por exemplo, queimadas e a redução da produtividade devido ao clima afetaram o abastecimento.

Embora a produção no RS tenha se mantido estável ou com leves reduções, o impacto climático em outras regiões acabou influenciando o setor como um todo. Entretanto, a oferta menor também proporcionou a estabilidade dos preços em 2024.

Por conta das enchentes, a produção de leite diminuiu em maio e junho, principalmente. E problemas logísticos também foram obstáculo importante, observa Darlan Palharini, secretário executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat).

## JUNTOS NA RECONSTRUÇÃO DO FUTURO

**O Rio Grande do Sul se fortalece a cada passo que damos, e o mercado imobiliário é um dos pilares dessa transformação.**

Representando as imobiliárias e os condomínios, o SECOVI/RS-AGADEMI fortalece a base do setor imobiliário e da construção civil como um todo. Seja por meio da capacitação contínua ou pela atuação firme e representativa, nosso compromisso é crescer juntos, oferecendo um apoio que impulsiona o desenvolvimento.

**Somos parceiros da retomada do RS, contribuindo para a construção de um Estado mais forte e próspero.**



Escaneie o qr code e  
acesse o canal do  
whatsapp do Secovi/RS



CONHEÇA O SECOVI/RS-AGADEMI. Acompanhe nossas redes sociais



# Plano de transição energética estadual apresentará resultados em 2025

**Estudo foi contratado pelo governo do Rio Grande do Sul pelo custo de R\$ 2,3 milhões**

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Para o próximo ano, o Rio Grande do Sul deve contar com um maior detalhamento das ações que poderá adotar para mitigar os efeitos das mudanças climáticas. O Plano de Transição Energética Justa do Rio Grande do Sul, contratado pelo governo gaúcho com a empresa WayCarbon e o Centro Brasil no Clima (CBC), tem a conclusão prevista para ocorrer em novembro de 2025. O investimento nesse levantamento será de R\$ 2,3 milhões.

A secretária estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura, Marjorie Kauffmann, ressalta que entre os focos dessa iniciativa está o detalhamento das possibilidades futuras para a região carbonífera do Estado, já que a economia dessa localidade é ainda muito vinculada ao aproveitamento da fonte fóssil.

A secretária foi a representante do governo do Rio Grande do Sul na

Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (COP29), realizada recentemente no Azerbaijão. Ela comenta que, durante o encontro, foi muito mencionado o tema da responsabilidade dos diversos entes federais com a governança ambiental. “Principalmente, os atores municipais e estaduais foram vistos e ouvidos na COP 29 para pensar nas políticas que de fato vão fazer alguma diferença nas metas a serem alcançadas e na adaptação e resiliência das comunidades para que possamos sobreviver a esse momento de mudanças climáticas que tem ocorrido, em especial, no Rio Grande do Sul”, diz Marjorie.

Em relação aos objetivos assumidos pelo Brasil, a secretária lembra que o País se comprometeu em reduzir entre 59% e 67% das suas emissões líquidas de efeito estufa até 2035, em relação aos níveis de 2025. Particularmente quanto ao Rio Grande do Sul, ela frisa que o Estado tem uma série de medidas que buscam a diminuição das emissões, como é o caso do crescimento da geração de energia eólica, solar, hídrica e, futuramente, a produção de hidrogênio verde (combustível que é obtido por meio de eletrólise através da geração de energia



Um dos focos da transição energética será atender a fatores como segurança no fornecimento de energia

por fontes renováveis).

A presidente do Sindicato da Indústria de Energias Renováveis do Rio Grande do Sul (Sindienergia-RS), Daniela Cardeal, complementa que a transição energética não envolve apenas a questão da geração elétrica, mas também a alteração do uso de combustíveis no setor de transportes e promover uma mudança justa economicamente.

No Rio Grande do Sul, a dirigente concorda que uma das ferramentas que poderá auxiliar em amenizar os impactos no clima é o hidrogênio verde. “Ele vai poder contribuir tanto na redução de carbono no segmento do agronegócio, como no setor veicular, esse é um grande diferencial”, assinala a dirigente.

Ela acrescenta que para o Rio

Grande do Sul não perder oportunidades na área de transição energética, é necessário também que sejam mantidos os investimentos no campo da transmissão de energia. Para isso, Daniela frisa que é preciso que o Estado esteja presente no planejamento do governo federal previsto para esse segmento, nos próximos anos.

A dirigente ressalta ainda que um dos focos da transição energética será atender fatores como segurança no fornecimento de energia, preço competitivo e compromisso com a preservação ambiental. Dentro desse perfil, a presidente do Sindienergia-RS vê possibilidades para projetos hidrelétricos e de biomassa (matéria orgânica). Já quando diz respeito às grandes potências, Daniela aponta

a fonte eólica como a que tem maior potencial para se desenvolver no Estado, durante o processo de transição energética.

“O Rio Grande do Sul está com cerca de 6 mil MW em projetos (eólicos – o que representa três vezes mais do que a potência instalada de empreendimentos dessa natureza atualmente operando no Estado) em estágio avançado de licenciamento ambiental e temos todo um setor de offshore (mar) para ser explorado”, indica a representante do Sindienergia-RS. Com essas possibilidades sendo confirmadas, a dirigente considera que o Rio Grande do Sul pode “virar a chave” e passar de um estado “importador” de energia de outras regiões do País para se tornar um “exportador”.

## Eletricidade será uma das ferramentas para a substituição dos combustíveis fósseis

Tanto na mobilidade, como em outras atividades, a eletricidade será uma importante alternativa para reduzir cada vez mais o uso das fontes fósseis. O engenheiro especialista em planejamento energético e ambiental e ex-presidente da CEEE, Vicente Rauber, considera que o carro elétrico deverá ser uma das maiores revoluções dessa época.

“Nas grandes cidades, como é o caso de Porto Alegre, dois terços da geração de gases de efeito estufa é proveniente do setor de transporte, entenda-se gasolina e diesel, fundamentalmente”, comenta Rauber. Dentro desse cenário, ele prevê que haverá a valorização ainda maior da energia elétrica, que será capaz de amenizar a geração de gases de efeito estufa.

Rauber recorda que o Brasil apresenta uma vantagem nessa área, já que a maioria da geração elétrica no País é proveniente de fontes renováveis como hídrica, solar, eólica e biomassa. Em 2023, o ex-presidente da

CEEE lembra que 93% da energia elétrica produzida em território nacional ocorreu através de fontes renováveis.

Esse panorama, ressalta o engenheiro, não é acompanhado por outras nações do mundo, que ainda são muito dependentes de insumos como carvão e óleo. “Mas, é mais um motivo para pressionar que esses países reduzam ou até eliminem o uso desses combustíveis substituindo-os por energia elétrica de fontes renováveis”, defende.

O engenheiro, que também já exerceu o cargo de diretor financeiro e administrativo da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), argumenta que a eletricidade pode ser aproveitada ainda para substituir os combustíveis fósseis, além do setor de transporte. Um dos exemplos citados nesse sentido é a própria refinaria gaúcha, que pretende eletrificar uma de suas caldeiras para diminuir as emissões do seu processo produtivo. No caso do Rio Grande do Sul, Rauber vê como um enorme desafio a ser resolvido o

emprego do carvão (o Estado concentra 89% das reservas nacionais do mineral). “O carvão pode ter outras utilidades que não a termoeletricidade, que é muito geradora de poluição”, afirma o engenheiro.

Quanto à mobilidade elétrica, o diretor de eólicas do Sindienergia-RS, Guilherme Sari, argumenta que, atualmente, ainda há obstáculos a serem superados, como a oferta de pontos de carregamento. “Porém, essa é uma demanda que vai crescer com o tempo”, prevê o dirigente.

Para o diretor do Sindienergia-RS, o planejamento do setor elétrico nacional cada vez se tornará mais complexo com a entrada de novas fontes de energia, como a solar e a eólica, e novos aproveitamentos dessa geração. Soma-se a isso, o fato que os sistemas de contratação da geração de energia também ficaram mais diversificados.

Sari projeta que entre 2027 e 2029 o consumo de energia deverá aumentar no País e o Rio Grande do Sul precisará ter margem de escoamento



Planejamento do setor será mais complexo com as novas fontes, como a solar

de energia, para evitar problemas que ocorreram no passado, quando o atraso de obras de transmissão impactou o setor, impedindo a profusão de novas usinas.

Sobre a velocidade da transição energética, Rauber argumenta que, historicamente, o fator que acelera ou retarda o uso da energia renovável é

o preço do petróleo. “Contudo, há alguns anos, esse não tem sido o único elemento. Hoje, o principal vetor é o reequilíbrio da natureza que a gente tem que promover”, aponta o engenheiro. Para ele, a natureza já deu mais do que sinais de que é preciso encontrar um reequilíbrio. “Ela gritou para nós”, enfatiza.



TRANSFORMANDO  
**IDEIAS**

EM  
**AÇÃO**

### INVESTINDO EM ESPAÇOS DE INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE

No CIEE-RS, acreditamos que a inovação é a chave para o futuro. Por isso, estamos comprometidos em investir e estar presentes em ambientes que estimulam o conhecimento. Seja parte da mudança!

**Siga nos acompanhando para ficar por dentro dos nossos projetos. Inclusive, temos novidades chegando...**



@ciee\_rs

@cieers

@CIEERS.ORG

@ciee-rs

CIEE-RS

(51) 3363-1000

# Setor metalmeccânico projeta um ano difícil

**Indefinições em torno das políticas públicas geram cenário de preocupação com os resultados e cautela nos investimentos**

**Roberto Hunoff**  
economia@jcrs.com.br

A indústria metalmeccânica da Serra Gaúcha, principal polo do segmento no Estado, terá, neste ano, desempenhos diversos dentre seus segmentos produtivos. Há quem opere em alta expressiva, como o eletroeletrônico e o metalmeccânico, mas também há aqueles que fecharão o ano com perdas na casa dos 20%, caso da cadeia do agrogonócio.

“Foi um ano restrito e de dificuldades em razão da falta de definição de políticas públicas, agravadas no Rio Grande do Sul pelas enchentes de maio”, define Ubiratã Rezler, presidente do Simecs (Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e Material Elétrico de Caxias do Sul e Região Nordeste).

Segundo o dirigente, os agricultores recuaram na compra de máquinas novas, optando por fazer um retrofit. O sinal positivo do ano se concentra na apresentação de projetos pelas grandes empresas, que podem ter efeito prático dentro de dois a três anos.

“É o caso do automotivo. Porém, ainda existe muita insegurança jurídica, o que pode afetar a realização dos projetos mais adiante e comprometer investimentos realizados pela cadeia, inclusive na contratação de mão de obra. O problema reside aí: não se tem uma visão mais duradoura para a frente”, avalia.

No geral, a expectativa é de resultado positivo no ano, incluindo aumento nos quadros de pessoal. Porém, houve adoção de férias coletivas e paradas em algumas empresas para garantir a operação diante da queda do mercado. As enchentes de maio afetaram a indústria da Serra, principalmente no aspecto logístico, com a obstrução de estradas e quedas de pontes, repercutindo em aumento nos custos do transporte. No momento, cerca de 90% dos estragos foram resolvidos, principalmente pela ação do setor privado.

A avaliação do dirigente sindical é de que a situação atual se mantenha em 2025, mas com tendência a recrudescimento das dificuldades, ainda por conta do cenário de indefinições públicas, principalmente pela ausência de medidas que estimulem a competitividade na indústria como um todo. “O governo tem anunciado políticas nesta área, mas atende especificamente alguns setores, considerados estratégicos, quando, na verdade, todas as atividades estão precisando de atenção para melhorar a produtividade e ganhar

## Polo de Canoas ainda sofre com os efeitos das enchentes

O segmento metalmeccânico de Canoas e Nova Santa Rita foi um dos que mais sofreu prejuízos com as enchentes de maio, pois cerca de 50% das empresas teve paralisação total ou parcial e permaneceu com as instalações inundadas por quase dois meses. De acordo com o presidente do Simecan (Sindicato das Indústrias Metalmeccânicas e Eletroeletrônicas de Canoas e Nova Santa Rita), Roberto Rene Machermer, além das perdas patrimoniais e de vidas, o setor ainda não conseguiu estabelecer o nível de produção semelhante ao existente antes das enchentes. “Está difícil retomar os números anteriores, pois parte das empresas investiu na recuperação das máquinas, quando encontrou componentes; outras sucatearam e houve quem terceirizasse a produção”, detalha.

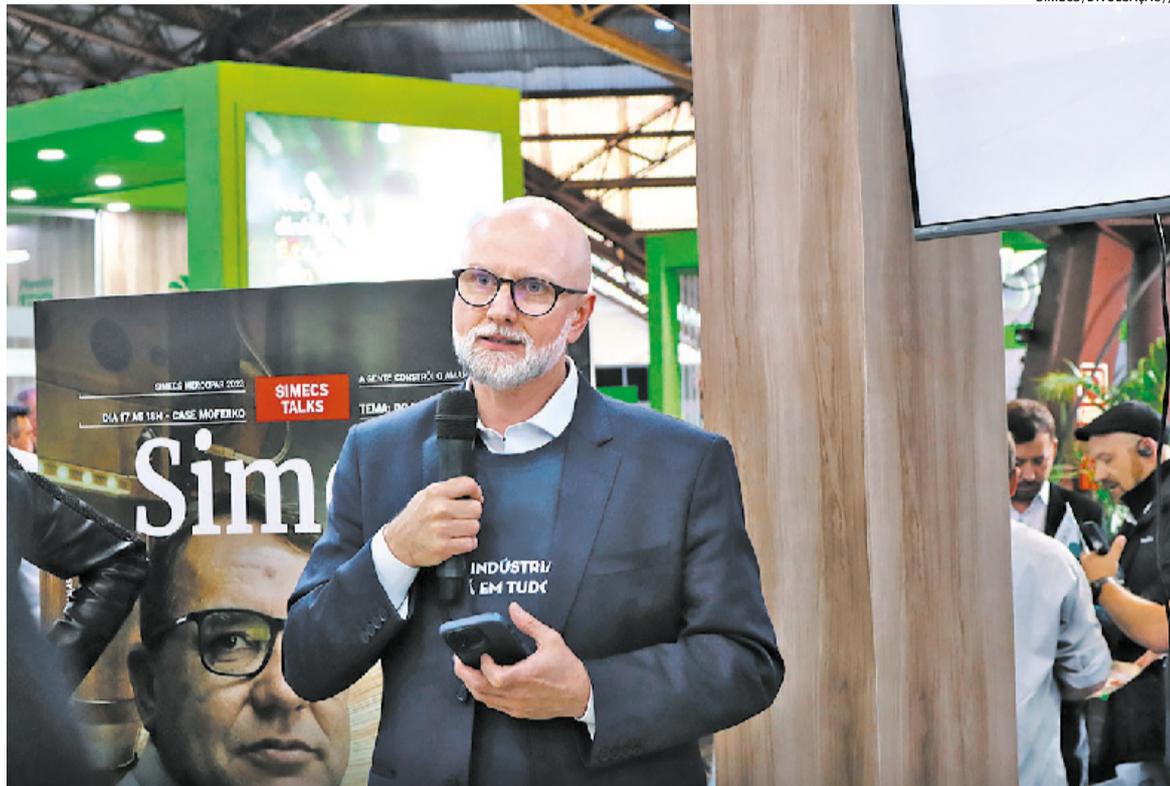
O dirigente argumenta que os grandes investimentos são poucos. A maioria das empresas está aplicando basicamente em manutenção para garantir a operação atual. “O dinheiro público não chegou ou foi pouco para as empresas que tiveram prejuízos.

Tem-se, ainda, a demora na liberação dos recursos, o que só piora a situação. Quem perdeu praticamente tudo não irá comprar se não tiver apoio público”, observa.

As enchentes também foram determinantes no aumento de custo de produção, retirando ainda mais a competitividade dos negócios. Inicialmente pesaram os fretes e, na sequência, a valorização do dólar, já que boa parte dos insumos e equipamentos tem valores atrelados à moeda norte-americana.

Ainda assim, alguns segmentos conseguiram performance melhor, como eletroeletrônico e a indústria prestadora de serviços. Já no segmento agrícola, que tem forte representatividade na região, algumas empresas ficaram sem operar por mais de 90 dias. “Por conta dos aumentos percebe-se alta no faturamento, mas não em peças produzidas”, relata.

A mão de obra é outro ponto de atenção do setor. A liderança assinala que, diante dos vários benefícios sociais públicos, muitas pessoas têm



Ubiratã Rezler, presidente do Simecs, cobra políticas para melhorar a competitividade do segmento

competitividade”, reforça.

O que pode trazer avanço é a política de depreciação antecipada dos equipamentos por meio de recursos financiados para aquisição e alternativas tributárias. Rezler observa que esta é uma oportunidade para o empresário investir, ainda que o momento não seja adequado. “Alguém vai fazer e quem não fizer pode se dar mal. Ainda que esta medida possa ter consequências negativas futuras, porque a conta será paga por alguém, o empresário precisa olhar para esta política como alternativa para promover a sua melhoria”, aconselha.

De outro lado, existem temas em

debates ou já definidos que repercutirão negativamente no resultado das empresas industriais. O presidente do Simecs cita, como exemplo, a elevação na taxa de frete entre 6% a 8% em razão da reforma tributária. “É uma situação preocupante, que pode reduzir a lucratividade do negócio. A reforma é necessária, pois vai simplificar os processos e desonerar setores. Mas traz consigo outros problemas”, admite. Também indica a desvalorização do real diante do dólar como entrave nas questões comerciais pela perda de competitividade no exterior, especialmente na abertura de novos mercados. “Quem resolver investir em maquinário, a maioria

proveniente do exterior, terá um custo muito elevado, o que pode inviabilizar a aquisição”, sinaliza.

Mesmo com a perspectiva de que as propostas de mudanças nas regras trabalhistas, com a redução da carga para 36 horas semanais, não sejam contempladas na sua essência, Rezler vislumbra agravamento no mercado de trabalho, principalmente com a mão de obra de baixa especialização. “Para elevar a produtividade, a indústria terá de investir ainda mais em máquinas. Não para tirar pessoas, mas para ganhar competitividade. As mudanças propostas não estão alinhadas com esta realidade”, afirma.



Setor ainda não conseguiu estabelecer o nível de produção semelhante ao existente pré-cheias

preferido ficar em casa ou trabalhar informalmente. “A contratação também é cara, pois é preciso investir na qualificação. Mas é comum o pessoal pedir desligamento, o que se transforma em prejuízo à empresa. A solução não é fácil, está se buscando alternativas em colaboração com demais entidades patronais”, reforçou.

Ele acredita que 2025 se comporte

de forma muito semelhante a este ano. Espera poucas novidades, mas muitos sobressaltos diante das importações chinesas e elevação do dólar, com repercussão nos preços das matérias-primas. “É um problema que vamos ter. A inflação é crescente e as empresas estão tentando ajustar seus custos. Já o governo segue gastando mais do que arrecada”, destaca.

Machermer também atenta para a insegurança jurídica e mercadológica, além das ameaças vindas dos Estados Unidos de aumento das taxas de importação de produtos brasileiros. Destaca que alguns setores da região têm nas exportações perto de 50% da receita. “O Brasil não tem uma economia perene, sempre vivemos de sobressaltos”, lamenta.

EMPREENDEDORISMO

# Otimismo e resiliência guiam pequenos e médios empreendedores

**Depois de um ano marcado pelas cheias, 2025 será de retomada no empreendedorismo**

Júlia Fernandes  
juliaf@jcrs.com.br

O ano de 2024 certamente será lembrado como um período de desafios e superação para os empreendedores do Rio Grande do Sul. Quando muitos estabelecimentos começavam a se recuperar de forma consistente dos impactos da pandemia de Covid-19, o Estado enfrentou uma tragédia climática em maio, que afetou cerca de 600 mil micro e pequenas empresas. Em julho, a Pesquisa de Impacto das Enchentes no RS, realizada pelo Sebrae-RS em parceria com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (Sedec), revelou que 35,71% dos negócios ainda estavam fora de operação, enquanto 25,15% estavam parcialmente paralisados.

Apesar desse cenário difícil, o atual momento é de otimismo, como aponta Luiz Carlos Bohn, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae-RS. “Estamos vendo uma surpreendente retomada. Já havíamos identificado isso pelos números da Fazenda, mas agora vemos um otimismo crescente, com expectativas positivas dos próprios empreendedores, o que é muito bom”, afirma.

A Pesquisa de Monitoramento de Novembro do Sebrae-RS mostrou que 47% dos empreendedores estão confiantes em relação à economia estadual, enquanto 37% acreditam que a situação permanecerá a mesma e 16% estão pessimistas.

De acordo com Bohn, os últimos meses do ano foram positivos, com aumento do consumo em geral,

especialmente no setor de serviços. No entanto, ele reconhece que ainda existem desafios e consequências das enchentes. “Haverá dificuldades à frente. Muitos empréstimos precisam ser pagos e há reposição de capital que foi gasto. Antecipamos muito mais receita do que o Estado recebeu”, explica.

Bohn também comenta que, no varejo, o setor de material de construção teve um grande crescimento após a enchente. Até o início do último trimestre, o consumo estava concentrado em produtos essenciais, mas, nos últimos meses, o comportamento mudou. “Agora, as pessoas começam a reposicionar suas necessidades, querem comprar algo novo, presentes de fim de ano. Isso tem impulsionado o varejo e ajudado pequenos e médios empreendedores”, observa. Outro setor que tem mostrado crescimento é o de serviços e lazer (bares, restaurantes e hotéis), que costuma ser o último a se recuperar após crises, devido à necessidade de uma reserva de recursos.

O fim de ano e a temporada de verão representam oportunidades para os empreendedores que querem dar o pontapé inicial, afirma Bohn. “O empresário é criativo e busca sempre alternativas com foco no custo-benefício. Do interior ao litoral, vemos a intensificação das ações desses pequenos negócios, pois é hora de faturar”, destaca. Em relação ao turismo, ele salienta que a Serra Gaúcha está experimentando uma boa retomada, especialmente nas cidades de Gramado, Canela e na região do Vale dos Vinhedos.

O levantamento de novembro do Sebrae-RS também identificou os fatores que mais impactam os negócios no último bimestre. A pesquisa mostra que 44% dos empreendedores citaram a falta de recursos financeiros como principal dificuldade, enquanto 43%

apontaram a falta de clientes. Além disso, 26% dos empresários mencionaram a alta dos custos e 18% destacaram o endividamento como desafios.

Bohn salienta que, devido às enchentes, especialmente na Capital e Região Metropolitana, com destaque para Canoas e São Leopoldo, muitos negócios ainda não conseguiram se recuperar. “Na área de Mathias Velho, por exemplo, há pequenos açougues, barbearias, farmácias de bairro e padarias que não voltaram totalmente”, relata, atribuindo isso à falta de crédito para esses microempreendimentos.

De acordo com ele, o Sebrae-RS mantém um programa solidário para apoiar esses negócios, mas a falta de regulamentação sobre a exigência da Certidão Negativa de Débitos (CND) tem impedido que esses empreendimentos obtenham recursos. “É uma pena, porque são negócios com grande potencial, mas esbarram na burocracia. Eles estão cumprindo suas obrigações e poderiam ser ajudados”, afirma.

A situação é ainda mais difícil devido à exigência da CND. A não prorrogação do Simples Nacional, por dois meses em junho, de acordo com Bohn, fez com que muitas empresas ficassem inadimplentes e agora enfrentem dificuldades para acessar recursos. Bohn reforça que o Sebrae-RS segue pressionando por soluções, como a criação de um refis para o Simples Nacional, pois as empresas enfrentaram esse atraso devido à impossibilidade de pagamento. “Estamos também insistindo na liberação de mais recursos do Pronampe, com um aporte de mais de R\$ 1 bilhão disponíveis, mas muitos desses negócios não têm a CND e não conseguiram acessar esses fundos”, diz.

Ainda em relação ao clima econômico, Bohn destaca que, apesar das incertezas no grande mercado,



Bohn, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae-RS, está otimista para o novo ano

os pequenos empreendimentos estão mais otimistas e indo bem. “Os pequenos negócios estão entusiasmados e seguem crescendo, o que é um sinal positivo para 2025”, afirma.

Sobre as tendências para o próximo ano, Bohn destaca a consolidação do varejo presencial. “O varejo físico vai continuar a ter seu espaço, enquanto as vendas digitais ocupam uma fatia de 10% a 15%, dependendo da região. Isso significa que há 85% do mercado para ser disputado pelos empreendedores físicos, com muita criatividade”, observa. Ele enfatiza que, mesmo para os varejos presenciais, é fundamental adotar a estratégia de home channel, integrando o uso de mídias sociais e outras plataformas digitais para atrair clientes.

Bohn também fala sobre o impacto

da tecnologia, em especial a Inteligência Artificial, nos pequenos e médios negócios. “A Inteligência Artificial mais objetiva, que usa algoritmos e plataformas que já vêm com isso embutido, está sendo gradualmente incorporada pelos pequenos empreendedores”, explica. De acordo com ele, o Sebrae-RS tem incentivado essas mudanças, oferecendo capacitação para que os negócios possam se adaptar e prosperar nesse novo cenário tecnológico. Entre as ações voltadas para a tecnologia, está a missão para a NRF 2025, que ocorrerá em janeiro em Nova York. A missão levará 55 empresários, incluindo pequenos empreendedores, para conhecer as tendências globais do varejo. “Essa missão tem sido um sucesso ano após ano, e em 2025 não será diferente”, destaca.

EM  
2025,

conte com a gente  
para projetar seus  
sonhos.

## ARQUITETURA

Como uma ferramenta de funcionalidade para o seu projeto.

## SOLUÇÕES CRIATIVAS

Através de projetos versáteis, práticos e únicos para você.

## PPCI PARA EVENTOS

Como prevenção de incêndio e segurança para o seu evento.

Ba.  
arquitetura

(51) 9 9356 8153

contato@brandaoarquitetura.com

@brandaoarquitetura

## Frases e Projeções

**Eduardo Leite (PSDB)**, governador do Estado

"Estamos encerrando um ano extremamente desafiador para a sociedade gaúcha. Superamos as adversidades com muito esforço, solidariedade e união. Avançamos na construção do Plano Rio Grande com o propósito de fortalecer ainda mais o nosso Estado, e lançamos o Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável, que traça o caminho para o Rio Grande do Futuro. Este período de fim de ano é uma oportunidade especial para agradecer a todos pela participação e pelo comprometimento nas iniciativas de reconstrução. Que 2025 seja um ano próspero, repleto de conquistas e realizações para todos."

**Sebastião Melo (MDB)**, prefeito de Porto Alegre

"Porto Alegre viveu neste 2024 o ano mais desafiador da sua história. Iniciamos o segundo mandato com o mesmo entusiasmo de entregar uma cidade melhor nesta oportunidade renovada que a população nos concedeu nas urnas. A reconstrução dos equipamentos públicos, a recomposição do sistema de proteção e os investimentos na resiliência seguem prioridades, junto do compromisso de qualificar a educação na rede pública municipal e viabilizar os financiamentos que possibilitarão transformações simbólicas na saúde, na infraestrutura e no desenvolvimento social."

**Adolfo Brito, deputado (PP)**, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul

"Que em 2025 sigamos fortes, unidos e determinados no processo de reconstrução do nosso Estado. Que os gaúchos possam desfrutar de um ano sem tantas adversidades, permitindo que a economia prospere com vigor, gerando emprego, renda e novas oportunidades. As enchentes evidenciaram nossa força, resiliência e capacidade de enfrentar desafios climáticos com coragem. Que 2025 seja o ano da retomada, marcado pelo esforço coletivo em construir um RS cada vez mais próspero e desenvolvido, honrando nosso legado de conquististas e avançando rumo ao futuro que todos merecemos."

**Hamilton Mourão (Republicanos)**, senador

"A eleição maciça de prefeitos e vereadores de partidos de direita, em 2024, demonstra que grande parte dos eleitores no Brasil busca resultados práticos e não de discurso político. Essas novas lideranças continuarão, em 2025, contribuindo decisivamente para o trabalho de reconstrução do Rio Grande do Sul, juntamente com a iniciativa privada. Nosso agro gaúcho mostrou força e certamente continuará sendo o alicerce para o desenvolvimento econômico do Estado."

**Luis Carlos Heinze (PP)**, senador

"Será um ano desafiador para o Rio Grande do Sul, pois seguimos enfrentando os impactos das enchentes e, ao mesmo tempo, lidamos com um governo federal que promete, faz anúncios, mas não cumpre. Temos a responsabilidade de reverter esse cenário e buscar soluções viáveis que gerem oportunidades para os gaúchos. Da minha parte, as pautas de infraestrutura, irrigação e energia serão prioritárias, pois a nossa competitividade depende disso."

**Paulo Paim (PT)**, senador

"Esperamos que, em 2025, o Congresso volte sua atenção para projetos de políticas humanitárias que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população. O País precisa de mais e melhores empregos, salários dignos e condições adequadas para que o setor produtivo possa progredir. Nossa responsabilidade com o desenvolvimento econômico e social é imensa. O orçamento da União, que é deliberado no Congresso, precisa ser amplamente debatido e construído com total transparência."

**Fernando Lemos**, presidente do Banrisul

"O ano de 2025 será o momento de consolidar a retomada do crescimento econômico no Estado, após os desafios impostos pelo evento climático extremo ocorrido no Rio Grande do Sul e que estão sendo vencidos com muita superação e determinação de todo povo gaúcho."

**Ranolfo Vieira Júnior**, presidente do BRDE

"Passamos por um período onde a resiliência e a solidariedade do povo gaúcho, mais uma vez, demonstrou toda nossa capacidade de recomeçar. O ano termina com sinais muito positivos de retomada da economia e o BRDE, seguindo sua trajetória, fez um grande esforço para auxiliar na superação desses desafios. Mesmo diante de todo esse contexto, vamos alcançar marcas históricas em novos investimentos. Esperamos ter um 2025 de forte crescimento, com oportunidades para consolidar um novo ciclo econômico e social no nosso Estado."

**Darci Hartmann**, presidente do Sistema Ocergs

"Em 2025, viveremos o Ano Internacional das Cooperativas, denominação conferida pela ONU. Será uma oportunidade de ampliarmos nossa visibilidade, mostrando aos gaúchos que o cooperativismo é um modelo de negócio decisivo para o desenvolvimento sustentável das comunidades. Apostaremos na formação de pessoas e na intercooperação, com o objetivo de alcançarmos faturamento de R\$ 150 bilhões até 2030."

**Márcio Port**, presidente da Central Sicredi Sul-Sudeste

"O Sicredi é uma instituição que cresce a cada ano, levando os valores do cooperativismo para todas as regiões do Estado. Para 2025, seguiremos fomentando o desenvolvimento local e regional por meio do reforço de um trabalho que vai além do aspecto financeiro, pois a proximidade com os 2,7 milhões de associados nos permite entender as potencialidades de cada cidade onde atuamos para buscar a melhoria da qualidade de vida do gaúcho."

**Julio Mottin Neto**, CEO do Grupo Panvel

"Em 2025, vejo a Panvel colhendo os frutos da nossa disciplina estratégica que nos trouxe até aqui. Seguimos com nosso forte plano de expansão que nos permite consolidar nossa posição no mercado. Continuamos com foco na Região Sul, onde temos forte presença e entendemos bem as necessidades dos clientes, entregando economia de tempo e sendo a melhor solução para as rotinas de saúde, beleza e bem-estar de cada um deles. Com nossas lojas maduras apresentando resultados sólidos e buscando superar o nosso faturamento, estamos confiantes em nossa capacidade de crescimento sustentável. Continuaremos investindo em tecnologia e inovação, e expandindo nossa linha de marcas próprias. Estamos preparados para os desafios e oportunidades que 2025 trará."

**Francisco Ruiz-Tagle**, CEO da CMPC

"O ano de 2025 marca um novo momento do Rio Grande do Sul. Após as enchentes, a sociedade gaúcha demonstrou um poder de reconstrução acima do normal. É um orgulho ter essas pessoas construindo a história da CMPC no Brasil. Com o progresso do Projeto Natureza, prevemos avanços em infraestrutura logística e investimentos em silvicultura como caminhos para a competitividade e o desenvolvimento sustentável do Estado."

**Márcio Schuch Silveira**, presidente do CRC-RS

"Como o primeiro ano após as enchentes que afetaram o Rio Grande do Sul, 2025 será decisivo para consolidar a recuperação dos negócios atingidos. Com o fim de algumas medidas que ajudaram a mitigar os impactos em 2024, veremos quais empresas conseguirão se firmar após o momento mais crítico. Também será o ano de preparação para os primeiros impactos da reforma tributária, que se inicia em 2026, um ano desafiador para a sociedade."



**Claudio Bier**, presidente da Fiergs

"Foi um ano difícil, mas estamos superando e avançando após a catástrofe provocada pela enchente no primeiro semestre. Nosso otimismo é baseado em fatos e dados, o Estado vai crescer acima da média do Brasil em 2025, com a boa safra e investimentos que virão."



**Gedeão Pereira**, presidente da Farsul

"Após um período de dificuldades vividas pelo agronegócio com estiagens sucessivas no Estado e a enchente neste ano no Sul e seca no Centro e Norte do País, esperamos que 2025 siga no compasso deste final de 2024, com condições climáticas favoráveis e a perspectiva de uma recuperação do setor com uma safra recorde não apenas do Brasil, mas também, e em especial, no Rio Grande do Sul."



**Luiz Carlos Bohn**, presidente da Fecomércio-RS

"Nossa expectativa para 2025 no RS é positiva. Devemos desacelerar em relação a 2024, mas ainda assim crescer mais do que a média brasileira. Se não tivermos surpresas em termos climáticos, a safra cheia deve dinamizar especialmente o interior do Estado. O câmbio desvalorizado, se por um lado pressiona a inflação, por outro melhora a atividade exportadora industrial. Comércio e serviços, por sua vez, continuarão sendo impulsionados pela expansão da massa real de salários."



**Rodrigo Sousa Costa**, presidente da Federasul

"Em 2024, junto com as perdas da tragédia climática, vieram respostas rápidas da sociedade com exemplos de superação pela união, a rápida integração entre público e privado e rompimentos de paradigmas, redefinindo o impossível. Em 2025, a soma das necessidades gaúchas com a realidade, forma terreno fértil para novas ideias. Cabe a nós gaúchos inspirarmos a opinião pública com a capacidade de realização pelos valores do empreendedorismo e associativismo."



**Irio Piva**, presidente da CDL POA

"O ano de 2025 será extremamente desafiador, mas também com muitas oportunidades, pois o Rio Grande do Sul ainda está em reconstrução. Temos muitas necessidades e oportunidades para a indústria e o varejo e é importante estar preparado para aproveitá-las e ajudar no desenvolvimento do nosso Rio Grande."



**Zildo De Marchi**, presidente do Sindiatacadistas

"O ano de 2024 foi marcado por grandes desafios para o empresariado gaúcho devido à catástrofe climática que impactou diversos setores econômicos. Apesar das dificuldades, o comércio atacadista se manteve resiliente, ajustando estratégias e buscando soluções inovadoras. Para 2025, as perspectivas são otimistas, com um mercado em recuperação, fortalecido por investimentos em tecnologia, sustentabilidade e networking."



**Suzana Vellinho Englert**, presidente da ACPA

"O ano de 2025 será um ano promissor com oportunidades para aqueles que acreditam no próprio potencial. A união e o diálogo entre os diversos segmentos, que compõem o ecossistema da nossa economia, continuarão a ser fundamentais para a continuidade da recuperação e do desenvolvimento de Porto Alegre. O futuro pertence a quem ousa construí-lo!"



**Antônio Cesa Longo**, presidente da Agas

"Depois de um 2024 de superação, esperamos um 2025 de crescimento lento e de retomada estrutural para o nosso Estado. Sempre soubemos que a recuperação do RS seria a longo prazo, e entendemos que os supermercados, assim como na pandemia, foram protagonistas da superação neste momento triste e nebuloso das enchentes. O setor segue proporcionando empregos e desenvolvimento nas comunidades em que atua, e o novo ano será de consolidação para os supermercados gaúchos neste contexto de retomada."



**Nilson Luiz May**, presidente do Sistema Cooperativo Empresarial Unimed-RS

"A Unimed Federação/RS prepara para o ano de 2025 a inauguração de sua nova sede, liderando o Sistema Cooperativo Empresarial. Este conjunto reúne a Unimed Operadora/RS, a UniAir, a Central de Serviços, a Unicoopmed, o Instituto Unimed/RS a holding RS Empreendimentos – que deu início à edificação do seu Sênior Living, e a Casa da Memória, espaço cultural já fixado no cenário gaúcho, gerando reputação positiva à marca. Será mais uma etapa de consolidação deste Sistema, que atua em sinergia estratégica e operacional."



**Marcos Rovinski**, presidente do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers)

"Esperamos que 2025 seja marcado pela valorização do médico e da Medicina. Que repensemos a política de proliferação de escolas médicas e centremos na qualificação do profissional que está saindo dos bancos escolares. Temos de trocar a ideia da quantidade pela qualidade. A Medicina deve ter como foco a prevenção e um sistema mais conectado com os constantes avanços tecnológicos. É importante termos presente a necessidade de rediscutir o financiamento do SUS para que tenhamos um cenário em que se vislumbre uma saúde mais qualificada e disponível para todos."



**Ivonei Pioner**, presidente da Federação Varejista do RS

"O comércio gaúcho experimentou, em 2024, seu melhor desempenho em cinco anos, o que permite antever um 2025 também positivo para o setor, acompanhando as projeções de crescimento para o PIB tanto do Estado quanto nacional. O desafio fica por conta das políticas econômicas, ajustes fiscais e adoção de medidas sólidas para sustentar o aquecimento real da economia sem corrosão do poder aquisitivo da população."



**Carolina Rossato**, vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no RS

"A indústria de máquinas agrícolas aguarda uma retomada de suas atividades em 2025. Este ano foi de resiliência, começou com as linhas de financiamento já esgotadas para investimentos, e depois do lançamento do Plano Safra, iniciou-se a comercialização. A perspectiva para 2025 é positiva, já que estamos com o plantio concluído, o dólar mais alto reflete diretamente nas commodities e nos custos da próxima safra, o que mostra a necessidade do campo em se tecnificar. A sustentabilidade é imprescindível, uma virada de chave para o setor agrícola visando o futuro das exportações de grãos."



**Vitor Augusto Koch**, presidente da FCDL-RS

"Esperamos que 2025 seja um ano melhor para o Rio Grande do Sul em todos os aspectos. Mantida a normalidade climática e adotadas políticas econômicas consistentes, poderemos ter um bom incremento de vendas no comércio gaúcho, chegando a 2,2%. Precisamos, ainda, fomentar cadeias produtivas que gerem emprego e renda para os gaúchos, viabilizando uma retomada significativa da nossa economia."



**Arcione Piva**, presidente do Sindilojas Porto Alegre

"O ano de 2025 traz perspectivas promissoras para o comércio em Porto Alegre. Estamos atentos e ativos para que haja o fortalecimento da economia local, com foco na inovação, capacitação e no apoio às pequenas e médias empresas, pilares que serão fundamentais para impulsionar o setor varejista e gerar novas oportunidades de crescimento para a cidade e o Estado."



**Nanci Walter**, presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do Rio Grande do Sul (CREA-RS)

"Tudo o que ocorreu no Rio Grande do Sul desde maio nos serviu de ensinamento para dar uma guinada nos novos investimentos e nas novas construções. Cada vez mais, veremos edificações com certificações e selos que atestem o compromisso com a reutilização da água e com o uso de energia fotovoltaica. Vamos utilizar muito a Engenharia, Agronomia e Geociências, principalmente nas áreas ligadas ao hidrogênio verde e às tecnologias que causam menos impacto ao meio ambiente."



**Claudio Teitelbaum**, presidente do Sinduscon-RS

"A pandemia e as recentes catástrofes climáticas afloram gargalos nas cidades. As soluções passam pela construção que está presente na educação, na segurança, na saúde, no desenvolvimento urbano, habitação, nos parques, nas edificações industriais e comerciais e na infraestrutura. Mesmo com as adversidades, em outubro de 2024, o setor registrou no RS 143 mil empregos formais, aumento de 17% em relação a outubro de 2020. Adequadamente incentivada e reconhecida, esta atividade se transforma no motor do desenvolvimento, cumprindo de forma imediata sua função social e econômica."



## Minuto Varejo

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

# Novo ano exigirá um olho nas vendas e outro na operação

## Lojistas contarão com renda e emprego a favor, mas terão de apostar na eficiência

É hora de desembarcar em 2025 e, de preferência, o quanto antes. Pelo menos na hora de tomar decisões que vão dar o tom e o rumo de quem tem negócio no varejo. Dirigentes e especialistas sinalizam um ano que vai ser quase esquizofrênico. Por quê? Pelos dados macroeconômicos, vai ser um primeiro semestre ainda com boa colheita em vendas, puxada por renda e emprego ainda firmes e um fator decisivo no Rio Grande do Sul, que é uma supersafra agrícola. Mas o segundo tempo de 2025 virá desafiador. Com fatores como emprego e renda ainda ajudando, o conselho das fontes que a coluna buscou é de ficar atento a custo de estoques, que precisam ser na medida certa, não erra produto (ou coleção) e cuidar bem do ponto físico e relação com o digital.

“Tem de ter o tamanho certo. Pode ser que muitos tenham de reduzir para encarar o ano”, orienta o coordenador de varejo do Sebrae-RS, Fabiano Zortéa. Aquele comportamento de “sempre ser otimista”, como diz o presidente da CDL Porto Alegre, Irio Piva, vai ser testado ao pé da letra. “Sou otimista, varejista sempre é”, reforça o dirigente lojista, que aposta ainda em bons resultados e ressalta a necessidade de prestar



ANDRESSA PUFAL/JC

Expectativa é seguir ritmo de vendas, dentro da retomada de 2024, mas crédito ainda é fator de cautela para o comércio

atenção a dados objetivos de execução. Pode ter menos expansão de segmentos, por exemplo, pois o investimento terá custo mais alto. “O ano de 2025 ainda é um ano que acontece. A gente vai ter aquela questão da temperatura e da sensação térmica”, prepara a economista-chefe da Fecomércio-RS, Patrícia Palermo. “Estamos prevendo um ano que cresce 2,6%, que não é algo ruim, obviamente, especialmente diante do nosso histórico. Mas a gente termina o

ano desacelerando bastante”, dá o roteiro Patrícia, para literalmente fazer os empregadores do setor colocarem os dois pés no chão e se estruturarem. “Os números vão ainda ser bastante positivos. A gente está à beira de ter um ano de safra recorde, que tem efeitos sobre a nossa economia. As taxas de desemprego estão muito baixas e dificilmente vão se deteriorar fortemente porque a taxa de participação está mais baixa”, esmiúça a economista-chefe da

entidade. O alerta começa apenas em se tratando de crédito, que ficará mais caro, até porque a dose de alta no desfecho de 2024 não foi pequena. “Isso vai acabar pressionando e muito os investimentos. Muitos podem desistir”, admite a economista.

A presidente da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), Suzana Vellinho, admite que tinha uma percepção melhor de como será o próximo ano, mas adota um fração de cuidado.

“Ainda é um ano em aberto. E você pode imaginar que ele poderia ser um ano melhor. As projeções não são fáceis e não são boas. Tudo está subindo”, lista Suzana, referindo-se principalmente a fatores como dólar e juros. Ivonei Pioneer, presidente da Federação Varejista do RS, opina que o ano pode ter bom desempenho, mas coloca o rumo na condição da política fiscal. “O que ainda não temos certeza é de como vai ser conduzida. Precisa respeitar os gastos, mas teremos um momento para a gente segurar”, projeta Pioneer, antevendo desafios mais ligados à oferta de mão de obra e produtividade, tema que ganhou mais realce desde a discussão sobre jornada, eventual redução e impactos aos pequenos negócios. “Há bastante necessidade de trabalhadores, mas poucas pessoas com qualificação.”

O presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), Antônio Cesa Longo, observa que a questão do custo para investimento, que sobe com as elevações das taxas e que devem se manter em boa parte de 2025, pode afetar os planos de varejistas do setor, que vinham em expansão. Grupos com foco no formato de atacarejos puxaram a abertura de unidades entre 2022 e 2024. “O setor está competitivo, o que deve ajudar a manter até mesmo elevação de preços”, diz. Para o consumidor, isso pode ser um alívio para não ver a renda ser mais corrida. Mas a inflação exigirá paciência e gestão de custos.

## Ajustes ao nível de entrega e ao ambiente econômico

“Reduzir para crescer”, recomenda Fabiano Zortéa, do Sebrae-RS. A senha indica que o varejo deve ser pensado, desde as estratégias de venda, o mix de produto, o ponto físico e a presença digital com muito mais assertividade do que investimento e quantidade. O varejo, para dar conta desse

contexto e devido aos juros altos, vai segurar as possibilidades de investimento, vislumbra Zortéa. “A complexidade de atender as demandas dos novos consumidores precisa ser pensada através de um pensamento estratégico que envolva um alto grau de relevância para um nicho, um grupo específico

de pessoas, olhando onde tem melhor margem”, detalha o coordenador de varejo do Sebrae-RS. “Quando for pensar em mix de produtos, não necessariamente uma variedade tão grande vai ser o caminho, mas uma curadoria mais cuidadosa”, opina Zortéa.

Oscar Frank, economista-chefe da CDL Porto Alegre, lembra que, na operação e que afeta todas as ações no fluxo, vendas e ponto, os varejistas precisam priorizar o uso de capitais próprios em detrimento de terceiros, devido ao custo financeiro. Diante desse cenário, Frank alerta que não faz “sentido permanecer com grandes quantidades de mercadorias”. “Isso pode representar um problema bem significativo, pensando em um cenário de desaceleração, de desaquecimento”, conecta o economista.

“É importante ter essa métrica bem equilibrada, sem excesso de estoques. Se a economia virar, isso pode ser um problema bem representativo do ponto de vista da gestão financeira”, adverte Frank.



PATRICIA COMUNELLO/ESPECIAL/JC

Fabiano Zortéa indica a adoção de ações ajustadas ao cenário econômico

## Pontos de atenção

### CONSUMIDOR

- ▶▶ 52% estão aderindo à tendência de priorizar gastos em experiências, ao invés de produtos.
- ▶▶ 70,6% dos decisores acreditam que a relação entre suas marcas e consumidores deve melhorar nos próximos 5 anos.
- ▶▶ 65% representam pequenas ou médias empresas.
- ▶▶ 43% ocupam cargos de direção ou C Level.

FONTE: PESQUISA FUTURO DO VAREJO WGSN & E-COMMERCE BRASIL

### MOTIVAÇÃO PARA COMPRA

**90,5%** das decisões de compra são feitas pelo subconsciente, a parte emocional do cérebro.

FONTE: HARVARD BUSINESS SCHOOL

### EXPECTATIVAS COM O USO DE IA

#### Os principais impactos imediatos da IA para os decisores:

- ▶▶ 35,6% potencializar a criatividade em comunicação.
- ▶▶ 31% customização da experiência do consumidor.

\*Brasil é o país mais otimista com o uso da IA na América.

FONTE: PESQUISA MENSAL COMERCIO (IBGE)

**50%** dos decisores acreditam que os consumidores desconhecem as implicações da IA.

**93%** dos diretores de dados concordam que a estratégia de dados é crucial para obter valor da IA generativa, no entanto, 57% admitem que ainda não criaram a estratégia necessária.

FONTE: ELABORAÇÃO FABIANO ZORTÉA (SEBRAE-RS), COM BASE EM AWS (AMAZON), PESQUISA FUTURO DO VAREJO WGSN & E-COMMERCE BRASIL

INDÚSTRIA CALÇADISTA

# Setor projeta total recuperação das perdas da pandemia em 2025

**A Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) é cautelosa nas projeções para 2025**

**Maria Amélia Vargas**  
mavargas@jcrs.com.br

Principal exportador em receita gerada e o segundo maior produtor de calçados do Brasil, o setor calçadista gaúcho encerra este ano com um crescimento de mais de 3% na produção, o que significa mais de 890 milhões de pares fabricados. Os dados são da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), que é cautelosa nas projeções para 2025.

De acordo com o presidente-executivo da entidade, Haroldo Ferreira, o segmento entrará na última etapa de recuperação das perdas provocadas pela pandemia de Covid-19 e deve registrar uma alta modesta de até 2% na confecção de peças, alcançando a fabricação de 900 milhões de pares produzidos.

“Acreditamos que 2025 não será um ano fácil, até mesmo com menor crescimento da economia brasileira, devido ao ajuste fiscal em voga. No cenário internacional, o quadro seguirá muito parecido com o de 2024, porém



VULCABRAS/DIVULGAÇÃO/JC

Segmento estima uma produção de 900 milhões de pares de sapatos em 2025, o que corresponde a um crescimento de 2% na comparação com 2024

com um arrefecimento da queda nas exportações, resultado, também, de uma banda de comparação bastante fraca que foi a do ano corrente”, afirma o dirigente.

O principal desafio para ele é ter condições de competitividade, “o que não está da porta para dentro da

fábrica”. Na sua avaliação, o retorno gradual da oneração da folha de pagamentos prevista para o ano que vem, “que dava um fôlego importante para seguirmos contratando e crescendo”, trará mais essa dificuldade. “Nos falta apoio governamental, uma reforma tributária que diminua a carga de impostos pagas

pelas empresas brasileiras, condições logísticas adequadas — de estradas, aeroportos e portos —, proteção contra a concorrência predatória de calçados asiáticos, entre outros pontos. Ou seja, podemos dizer que o problema da indústria calçadista não está da porta para dentro da fábrica”, ressalta.

Outro gargalo assinalado por Ferreira é a alta na taxa de juros, “que dificulta investimentos do setor, já que investidores, em vez de investir na indústria e varejo, muitas vezes, optam por deixar seus recursos rendendo ao invés de investir, por uma questão de segurança e rentabilidade”.

## Indústria gaúcha se reergueu rapidamente das cheias de maio

O comportamento do mercado doméstico, que absorve mais de 85% das vendas, foi fundamental para que o setor chegasse ao final deste ano com crescimento. Levantamento da Abicalçados mostra que, entre janeiro e outubro, o consumo aparente (soma importações) interno cresceu 10% em relação ao mesmo período do ano passado.

Apesar de o segmento ter sido

atingido pelas enchentes de maio deste ano, contabilizando prejuízos no abastecimento de matéria-prima, perdas de máquinas, equipamentos e produtos acabados, o dirigente salienta que uma peculiaridade difere o setor calçadista de outros da indústria de transformação. “Assim como sentimos o impacto das crises, muito rapidamente, com os sinais de enfraquecimento

do consumo, também nos reerguemos com velocidade quando as condições são mais favoráveis. A maior parte das empresas já estava produzindo a pleno em julho”, destaca Ferreira.

Essa acelerada recuperação pode ser comprovada nas exposições e agendas da área. De acordo com Roberta Plestch, diretora de Relacionamento da Merkator Feiras e Eventos — promotora

do Salão Internacional do Couro e do Calçado (SICC) e da Feira de Calçados de Acessórios Zero Grau, ambas realizadas anualmente em Gramado —, as edições dos eventos em 2024 foram mais discretas, mas de grande importância para a indústria calçadista.

“Agora no mês de novembro, no final do ano, tivemos uma edição da Zero Grau com as presenças dos lojistas de todo o País, fazendo compras para reposição de calçados, já para entrega no primeiro bimestre do próximo ano. A feira foi mais tímida, devido a toda a situação que atingiu nosso Estado, mas os resultados foram comemorados tanto pelos expositores, que agilizaram suas vendas, como pelos lojistas, que conseguiram renovar seus estoques. Também ficamos surpresos com a vinda de importadores, o que demonstra que nosso estado está recuperando sua posição na economia setorial”, comemora Roberta.

Em relação às exportações, segundo levantamento da Abicalçados, estas caíram quase 20% em volume na comparação com igual intervalo de 2023. Uma das ações importantes para alavancar os negócios internacionais, o Brazilian Footwear — um programa de incentivo às exportações desenvolvido pela Abicalçados em parceria com

a ApexBrasil — fechou 2024 somando R\$ 677,4 milhões (US\$ 128,3 milhões — cálculo pela média cambial) em negócios gerados pelas iniciativas apoiadas. Com o aporte total de R\$ 7,7 milhões nessas ações, o programa reporta um retorno sobre investimentos (ROI) de R\$ 88,00 por cada R\$ 1,00.

Conforme a coordenadora de Negócios da Abicalçados, Paola Pontin, as exportações de empresas associadas ao programa representam mais de 75% do total gerado pelas exportações brasileiras de calçados. “Trata-se de um programa fundamental, não somente para a promoção de negócios e da imagem do calçado brasileiro no exterior, mas também para a qualificação do nosso mercado internacional”, conclui.

Nesse sentido, o Sindicato da Indústria de Calçados do RS (Sicergs), lançou este ano o Projeto de Internacionalização para empresas do setor calçadista. Contemplado em edital da Federação das Indústrias do Estado do RS (Fieergs) e aprovado em agosto, o objetivo do projeto é viabilizar a participação de 10 pequenas e médias empresas, que serão capacitadas para participação em feira relevante do setor na América Latina, evento que está sendo avaliado.



VULCABRAS/DIVULGAÇÃO/JC

Maior parte das empresas do segmento já estava produzindo a pleno em julho, dois meses após as enchentes



## Mercado Digital

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

# Ecosistema de inovação gaúcho tem expectativas renovadas

A julgar pelos anúncios do final de 2024, o próximo ano será desafiador, claro, mas próspero para o ecossistema de inovação gaúcho. Os investimentos, a confirmação de grandes eventos e a retomada de atividades voltadas ao fomento de empreendimentos inovadores renovam as expectativas para 2025.

Depois de anos no limbo, o Ceitec revive. No início de dezembro, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) anunciou o investimento de

R\$ 220 milhões na empresa, com sede na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. Os recursos serão direcionados para a modernização da infraestrutura industrial do Ceitec com foco em fortalecer a fabricação em escala de semicondutores de carbeto de silício (SiC); transferência de tecnologia e internalização de novos processos produtivos.

Na mesma semana, o governo do Rio Grande do Sul anunciou para 2025 o orçamento histórico de R\$ 360 milhões para inovação, ciência e

tecnologia. É um valor mais alto destinado nessa área. De acordo com o executivo estadual, a quantia é cinco vezes maior que o orçamento médio anual na última década.

A atração de investimentos deve ser potencializada com a realização do South Summit 2025, confirmado para ocorrer entre 9 e 11 de abril, no Cais Mauá. Nesta edição, o principal tema do evento será a resiliência climática, com a participação de especialistas que discutirão soluções para



Eventos globais como o South Summit atraem atenções para a Capital

a reconstrução urbana e adaptação às mudanças climáticas. A resiliência reflete bem a postura dos atores do ambiente de inovação gaúcho, ao longo de 2024, e traz um olhar sobre como a inovação pode contribuir para um futuro mais sustentável. A reabertura do Instituto Caldeira, em setembro, depois de cinco meses fechado devido às

enchentes que atingiram a capital em abril, mostra como o setor se mobilizou pela recuperação. O espaço, localizado no 4º Distrito, já voltou a sediar eventos importantes, como a terceira edição da Semana Caldeira e o AI Day.

Confira como nomes à frente de iniciativas importantes do ecossistema estão projetando 2025.



"Em 2024 aprendemos ainda mais a atuar cooperativamente. Reforçamos a lógica do 'juntos' no enfrentamento às enchentes, e percebemos que nosso ecossistema de inovação está cada vez mais atuando na visão da abundância. Vamos precisar desse olhar solidário para abastecer nossa energia de reconstrução e regeneração e para recolocar a cidade novamente no rumo do otimismo e confiança. Teremos em 2025 um novo e renovado South Summit Brazil, mais dois hubs comunitários de inovação em operação, o primeiro aniversário de nosso Hub Ilhota, mais uma rodada do Invest Match e o Instituto Caldeira e a Nau retomando suas atividades a pleno. O Zenit, parque da Ufrgs, se materializando, a aceleradora de impacto Eleva começando a operar, e o Tecnosinos e o Tecnopuc propulsionando a inovação. O Pacto Alegre está se renovando com novas lideranças e revisitando seus desafios, reafirmando nossa posição como cidade educadora, inclusiva e amiga da inovação e das startups. Nenhum desses desafios é fácil ou simples, mas com a energia, resiliência, determinação e solidariedade podemos entrar com pé direito no próximo ano."

**Luiz Carlos Pinto da Silva Filho, secretário de Inovação de Porto Alegre e coordenador do Pacto Alegre**

"O próximo ano marca um momento histórico para a inovação, ciência e tecnologia com o maior investimento orçamentário já anunciado para essas áreas - R\$ 360 milhões, unido a um planejamento robusto e conectado ao Plano de Desenvolvimento Econômico, Inclusivo e Sustentável do Rio Grande do Sul. Seremos norteados por uma base legal e teórica sólida a partir da Política Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (Pecti-RS 2025-2030), lançada neste mês de dezembro e que regulamenta a Lei Complementar nº 15.639, conhecida como Lei Gaúcha de Inovação. Este cenário nos traz a certeza de que temos muito trabalho pela frente, assim como nos deixa otimistas, na mesma medida, com o ano que está chegando."

**Simone Stülz, secretária de Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul**



"2025 será um ano melhor, especialmente para nós, gaúchos, pois teremos a oportunidade de mostrar para o Brasil e para o mundo um ecossistema que emerge ainda mais forte da maior crise climática que a nossa geração vivenciou no RS. Esta oportunidade torna-se ainda mais tangível com a 4ª edição do South Summit Brazil que se aproxima, o South Summit da resiliência, mais uma vez no Cais Mauá, marco zero onde a cidade de Porto Alegre começou e a partir do qual está se transformando e construindo o seu futuro."

**Wagner Lopes, country manager South Summit Brazil**



"O ano de 2025 trará com ele toda nossa esperança de tempos melhores. Seguiremos trabalhando juntos no nosso ecossistema de inovação gaúcho para ajudar a construir uma sociedade mais justa e inclusiva, que acolha e estimule todas as pessoas a atingirem seu potencial. No Tecnopuc seguiremos caminhando juntos com nossos parceiros e amigos olhando o futuro com otimismo e senso de responsabilidade, direcionando nossos melhores esforços e capacidades para gerar impacto positivo na vida das pessoas e contribuindo para o desenvolvimento social, ambiental e econômico de nosso País."

**Jorge Audy, superintendente de Inovação e Desenvolvimento da Pucrs e do Tecnopuc**



"O cenário que se desenha para o ano que vem é de um contexto econômico ainda muito incerto, o que traz perspectivas desafiadoras para o contexto dos empreendedores, das startups e do acesso aos recursos. Mas estamos muito obstinados em manter o trabalho de fomento das interações dentro dessa comunidade formada aqui no Caldeira, que já reúne mais de 500 empresas e instituições. Estamos com vários projetos de desenvolvimento que irão gerar impactos urbanos, também estamos discutindo com o poder público uma maneira de endereçar os problemas que se constatarem em 2024. Vamos expandir ainda mais os projetos educacionais do instituto, com as parcerias educacionais para podermos impactar ainda mais jovens em 2025."

**Pedro Valério, CEO do Instituto Caldeira**



"2025 será um ano melhor porque o RS contará com mais de R\$ 210 milhões destinados ao fortalecimento da ciência, tecnologia e inovação (CT&I). Esses recursos permitirão a ampliação de projetos estratégicos que impulsionam o desenvolvimento do estado. É um investimento que reflete o compromisso de fomentar o conhecimento científico e transformar ideias inovadoras em soluções concretas para a sociedade. Com esse aporte histórico, será possível ampliar os horizontes da inovação no Estado, fortalecendo parcerias entre instituições de pesquisa, empresas e governos."

**Odir Dellagostin, diretor presidente da Fapergs**



"Acredito na força que nos move. Quem duvida, basta olhar para o povo gaúcho. Durante a enchente, mostramos ao mundo o verdadeiro significado de superação: unir forças, reerguer-se e transformar dor em ação. Essa garra é a que desejo ver em 2025. Falamos muito sobre inovação, inclusão, conexões. Mas não basta falar, é hora de agir. O impossível? É apenas momentâneo. Porque inovar não é só tecnologia; é reinventar nossas relações. Incluir vai além de permitir; é valorizar as diferenças. Construir e conectar significa garantir que todos tenham voz e espaço. Para mim as perspectivas para 2025 passam por conexões de valor, relações inovadoras e construtivas, inclusão real e trabalho duro para criar uma cidade melhor para todos. Estamos prontos para isso? Eu estou. Vamos juntos fazer de 2025 o ano que queremos viver."

**Leticia Batistela, presidente da Procempa**



INDÚSTRIA

# Produção industrial gaúcha tem expectativa de crescer 3,2% em 2025

**Estimativa da Fiergs é de que o PIB do Estado supere o nacional ao longo do ano que vem**

**Caren Mello**  
caren.mello@jcrs.com.br

O PIB do Rio Grande do Sul deverá crescer 3,25% em 2025. A expectativa da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) é de que esse crescimento no próximo ano supere, inclusive, o PIB nacional. O presidente da entidade, Claudio Bier, revela seu otimismo para o próximo ano, embora com todos os desafios que o setor regularmente enfrenta.

“Estamos otimistas. Vai ser

um bom ano. Com os R\$ 5 bilhões que o Estado vai deixar de pagar (da dívida do Rio Grande do Sul) para o governo federal”, citou. Outro setor que deverá contribuir para o crescimento, segundo a entidade, será, mais uma vez, o agronegócio. “A safra de grãos, ou a supersafra, vai ajudar a impulsionar a economia, tanto a do Rio Grande do Sul como a do Brasil”, aponta.

O RS teve um desempenho econômico resiliente em 2024, conforme balanço realizado. Embora com todos os prejuízos resultantes da enchente, o PIB cresceu 5,4% no primeiro semestre, sobretudo puxado pela recuperação agrícola. Além disso, o Estado registrou um superávit orçamentário de R\$ 7,4 milhões até outubro.



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente Bier projeta cenário otimista para a indústria, o agro e o RS no geral

No próximo ano, a projeção da entidade é de que a curva seja mais crescente, acima da média nacional, na ordem de 3,3%. O índice será impactado pelo crescimento na produção industrial, projetado em 3,2%, sustentado pela baixa base de comparação no ano anterior.

Também irão contribuir para a expansão do setor de serviços, a construção, que cresceu oito vezes mais do que no ano passado, e o

cenário internacional favorável.

As projeções positivas também tomaram como base o Boletim Econômico Tributário, publicado pela Secretaria da Fazenda do Estado (Sefaz), que faz levantamento das atividades pelo número de notas emitidas por empresas do Simples e do Regime geral. Se no início de maio 64% estavam com atividades abaixo da média, no início de outubro caíram para 13%.

Embora ainda existam

desafios, como gargalos na área de logística e de mão de obra, as empresas estão otimistas, segundo o balanço apresentado. Para enfrentar uma das grandes dificuldades, que é a falta de mão de obra qualificada, a Fiergs tem como uma de suas metas, junto com a competitividade, inovação, apoio à indústria que sofreram com a enchente, a retenção de talentos.

“Nos últimos 20 anos, perdemos mais de 700 mil pessoas para outros Estados. Temos que reverter esse quadro”, observa Bier, ao relatar os programas em parceria com as Prefeituras para abertura de escolas do Sesí e Senai.

Na mesma linha, o CEO da entidade, Paulo Hermann, acredita que, mesmo com todos os problemas pelos quais o RS passou, a perspectiva é boa. “Temos um povo aguerrido, trabalhador. Boa parte dos problemas de logísticas e de curto prazo foram resolvidos, conseguimos chegar com abastecimento e sair com os produtos”, cita. No entanto, segundo ele, a recuperação das empresas que foram destruídas pelas chuvas pode demorar um tempo muito maior que o desejável, sobretudo pela pouca capacidade do Estado e pelos recursos anunciados, mas não enviados, pelo governo federal.

**Sindiatacadistas RS**  
Sindicato do Sistema Comércio

## INOVAÇÃO, SUSTENTABILIDADE & TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

As perspectivas para o setor atacadista do Rio Grande do Sul em 2025 mostram um cenário promissor, apesar dos desafios enfrentados em 2024 devido às enchentes. Entre as principais tendências, destacam-se:

**Digitalização e e-commerce:** O crescimento do e-commerce B2B e o investimento em tecnologias para eficiência operacional continuarão transformando o setor.

**Sustentabilidade e responsabilidade social:** A adoção de práticas mais ecológicas, como redução de desperdícios e logística sustentável, será uma prioridade.

**Integração logística:** O uso de IoT, IA e análise de dados ajudará na otimização de rotas, gestão de estoques e previsão de demandas.

**Colaboração entre setores:** Parcerias com fornecedores, varejistas e associações setoriais estimularão inovações e soluções conjuntas.

**Desafios econômicos e regulatórios:** Atuar de forma proativa frente à reforma tributária e mudanças econômicas será essencial para a competitividade.

**Alterações no comportamento do consumidor:** Atacadistas precisarão adaptar portfólios e estratégias para atender consumidores mais exigentes, atentos a plataformas independentes e atacarejos.

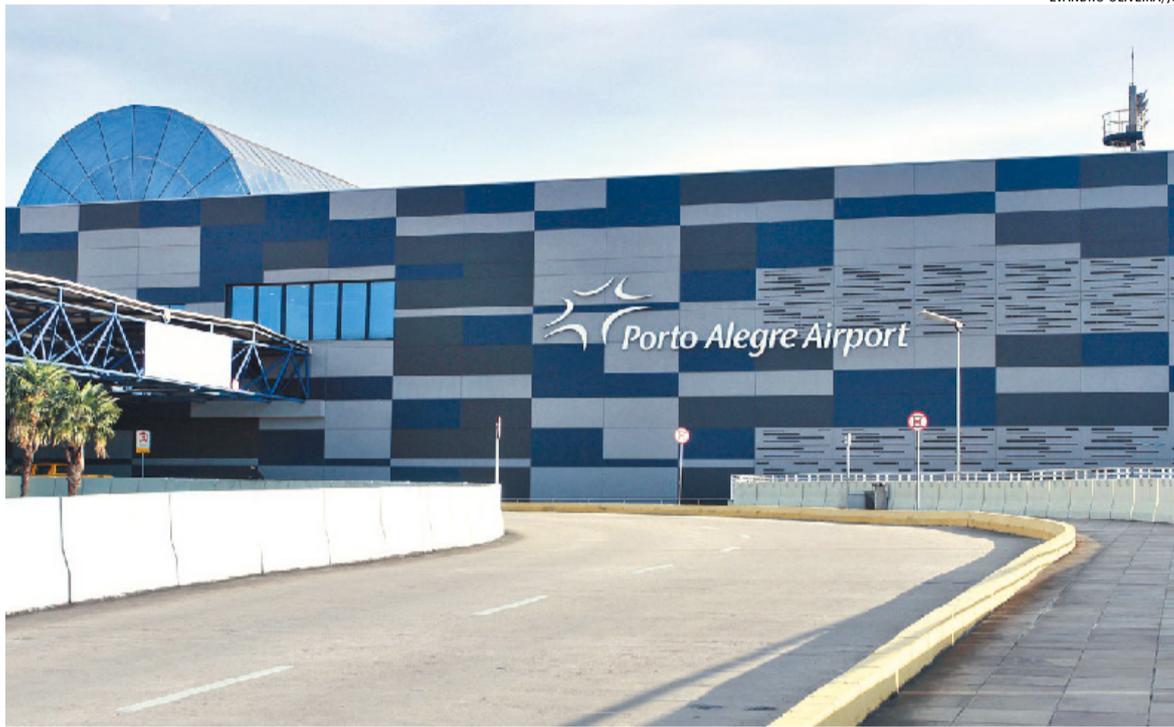
**Educação e capacitação:** Investimento em capacitação será essencial para se manter competitivo. O Programa Qualificar do Sindiatacadistas é um aliado à cadeia atacadista.

**Integração com o governo estadual:** A troca de informações com a Sefaz/RS será crucial para mapear tendências e alinhar estratégias do setor.

Com essas iniciativas, o setor está preparado para crescer e se fortalecer diante de um cenário econômico desafiador, mas cheio de oportunidades.

**Associe-se e faça parte do futuro do atacado.**

# Modais de transporte e logística do Estado terão um ano de retomada e de novas oportunidades



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Aeroporto de Porto Alegre, que voltou à operação total em dezembro, prevê atenção especial ao Terminal de Cargas

## Obras no RS receberão aportes de governos e do setor privado

**Bárbara Lima**  
barbaral@jcrs.com.br

A infraestrutura e a logística do Rio Grande do Sul devem passar por um momento de retomada em 2025. Isso porque, em 2024, diversas rodovias, hidrovias e até o Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, ficaram interditados ou sofreram danos devido às enchentes de maio. Para os três modais, a perspectiva é de reconstrução e novas oportunidades com aportes governamentais e privados.

No caso da aviação, por exemplo, ficou evidente a necessidade de mais equipamentos para o modal. A aviação regional, nesse contexto, ganhou

destaque como alternativa para ampliar as conexões no Estado. A Infraero (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária), que assumiu os aeroportos de Torres e Canela, projeta que essas unidades terão papel importante no crescimento econômico e turístico da região para o novo ano que se inicia.

“No Aeroporto de Canela, as obras já concluídas, que incluíram o alargamento e extensão da pista de pouso e decolagem, reforço e recapamento, bem como a revitalização da sinalização horizontal e reformas no pátio de aeronaves, habilitaram o terminal para receber aeronaves da categoria 2C”, informa a empresa pública em nota.

Já no Aeroporto de Torres, a primeira fase de melhorias contemplou o alargamento da pista de taxiamento e a instalação de novas tecnologias, como o PAPI (Indicador de Percurso de

Aproximação de Precisão), que ainda precisa ser homologado.

“A segunda fase, que inclui a construção de uma via de inspeção e um muro patrimonial, está prevista para ser finalizada no início de 2025. Essas ações devem garantir maior segurança e reforçar a infraestrutura para operar aeronaves da categoria 3C”, complementa a nota.

Os aeroportos sob gestão do Departamento Aeroportuário da Secretaria de Logística e Transportes, como os de Passo Fundo, Santo Ângelo, Carazinho, Erechim, Capão da Canoa e Rio Grande, continuarão recebendo investimentos em 2025. “Seguiremos trabalhando na qualificação da aviação regional, que é fundamental para a economia e a logística gaúchas. O fortalecimento desse setor foi essencial durante as enchentes de 2024”, destaca a Secretaria em nota.

## Modal Rodoviário terá avanço em duplicações

As enchentes de 2024 afetaram 403 pontos na malha rodoviária do Estado. Em 2025, diversas obras estão previstas, incluindo a entrega da duplicação da ERS-734, em Rio Grande, que deve ser concluída no final do ano, segundo reportagem do JC. A obra abrange 6,5 quilômetros, com um investimento total de R\$ 51,6 milhões, dos quais R\$ 12 milhões já foram aplicados.

A Secretaria de Logística e Transportes destaca que, entre 2021 e 2023, o Governo do Estado investiu R\$ 2,5 bilhões na melhoria da infraestrutura viária. Para 2025, um dos focos serão as obras de acessos municipais, assim

como as ligações regionais e as ações de conservação. “Estamos trabalhando na contratação das obras via Funrigs (Secretaria da Reconstrução Gaúcha). Essa será uma demanda muito importante no ano que vem, além da continuidade das obras em andamento, que envolvem acessos municipais, ligações municipais e obras de conservação, pois temos uma malha rodoviária extensa, de mais de 10 mil quilômetros, e que foi duramente atingida pelas enchentes.”

As duplicações da BR-290, no trecho dos lotes 1 e 2, estão previstas para avançar em 2025, de acordo com o DNIT (Departamento Nacional de

Infraestrutura de Transportes). As obras da BR-386, entre Marques de Souza e Lajeado, também estão previstas para o próximo ano. Conforme o Anuário de Investimentos de 2024 do JC, a CCR ViaSul investirá R\$ 120 milhões no trecho da BR-386, que abrange 20,3 quilômetros.

Outro projeto importante é a duplicação da RSC-287, que será entregue gradativamente ao longo de 2025. A informação foi confirmada por Leandro Conterato, diretor-geral da Rota de Santa Maria, durante o evento Infraestrutura e Mobilidade — Planejando o Futuro dos Modais Logísticos do RS, realizado em outubro de 2024.

## Fraport foca na recuperação completa do Aeroporto Internacional Salgado Filho

O Aeroporto Internacional Salgado Filho retomou parcialmente suas operações em outubro de 2024, com voos internacionais reiniciados em dezembro. Para 2025, estão previstos os retornos das operações da Latam, Aerolíneas Argentinas e TAP.

Andreea Pal, CEO da Fraport Brasil, destaca que a prioridade é a recuperação completa do Aeroporto Salgado Filho. “Isso inclui não apenas infraestrutura, mas também o número de passageiros, que foi severamente impactado pela pandemia e, mais recentemente, pelas enchentes.”

Sobre a retomada dos voos internacionais, Andreea acrescenta: “Em dezembro de 2024, retomamos a conexão com o Panamá, operada pela Copa Airlines, com possibilidade de mais frequências ainda no primeiro semestre de 2025. Em janeiro, a Latam reativará rotas para Lima e Santiago, enquanto a Aerolíneas Argentinas retomará a rota Porto Alegre-Buenos Aires em março. Já a TAP voltará com a rota Porto Alegre-Lisboa em abril. Apesar dos desafios, esperamos recuperar o volume de

passageiros internacionais até 2026”, aponta.

O setor de cargas também terá destaque em 2025, com possibilidades para operações no Terminal de Cargas (TECA) e para integrar melhor o modal rodoviário. “O setor de cargas terá uma atenção especial, não só pela retomada dos voos internacionais, falando de importação e exportação, mas também pelo potencial que nosso TECA Internacional (Terminal de Cargas) possui. Além do modal aéreo, atendemos também o modal rodoviário. Cargas que chegam por outras cidades e vem via rodoviária até Porto Alegre para nacionalização. Temos espaço e condições de ampliar o volume de cargas com origem e destino Porto Alegre”, conclui Andreea.

Na visão dela, “Porto Alegre tem um grande potencial para se tornar referência no Mercosul em termos de conectividade aérea. Um olhar mais detalhado para os países vizinhos nos coloca em condições de receber voos internacionais e aproveitar ainda mais a conectividade doméstica e regional”.

## Futuro das hidrovias passa por dragagem e melhorias dos complexos portuários

As enchentes também impactaram significativamente o modal hidroviário. Cerca de 350 quilômetros da malha navegável precisam passar por dragagem, conforme Wilen Manteli, diretor-presidente da Associação Hidrovias do Rio Grande do Sul (Hidrovias RS), afirmou em reportagem do JC. Ele destacou que as hidrovias movimentam cerca de 9 milhões de toneladas de cargas por ano, representando aproximadamente 20% do transporte fluvial no Brasil. O governo estadual anunciou R\$ 731 milhões para dragagens e outros investimentos na infraestrutura portuária, incluindo projetos de

recuperação no porto de Porto Alegre e no porto de Rio Grande.

Segundo Cristiano Klinger, presidente da Portos RS, além disso, estão previstos investimentos em pavimentação, iluminação e arrendamentos de novas áreas, visando otimizar a movimentação de cargas e ampliar a competitividade logística do Estado.

“Olhamos para o ano de 2025 como um ano com recursos destinados a muitas obras e novas potencialidades. A própria relação com atividade portuária e distrito industrial é uma pauta que estamos alinhando e trabalhando”, pondera.

TIDESAT/DIVULGAÇÃO/JC



Governo anunciou R\$ 731 milhões para dragagens e infraestrutura portuária



# Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul 2024

Vem aí mais uma edição do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul.

Em quase todas as suas edições, o JC publica notícias de investimentos públicos ou privados realizados ou anunciados no Rio Grande do Sul.

A lista de todos esses investimentos é sintetizada no Anuário de Investimentos do RS, que apresenta a soma do total investido ao longo do ano.

É a 7ª edição desse especial, com dados mapeados por município e listados por setores da economia.

**Em janeiro de 2025, no Jornal do Comércio!**



Escaneie o QRCode acima e confira mais conteúdos do Anuário de Investimentos.

# Recuperação da infraestrutura do RS trará crescimento à construção

**Presidente do Sinduscon-RS destaca déficit habitacional de 250 mil moradias em todo o Rio Grande do Sul**

**Cláudio Isaías**  
isaiaasc@jcrs.com.br

Com a necessidade tanto de obras da construção civil quanto da construção pesada para a recuperação da infraestrutura do Rio Grande do Sul, o Sindicato da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS) prevê um crescimento do setor em 2025, em razão da necessidade de moradias — um levantamento da entidade aponta um déficit de 250 mil residências no Estado. Para o presidente do Sinduscon-RS, Claudio Teitelbaum, tanto o Minha Casa, Minha Vida, do governo federal, quanto o Porta de Entrada - programa da prefeitura de Porto Alegre e do governo do Estado-, têm a chance de induzir um novo ciclo de crescimento em 2025 e nos próximos anos. Conforme Teitelbaum, estudos da Câmara Brasileira da Indústria da Construção mostram que o segmento de obras industriais e corporativas no Rio Grande do Sul estima um investimento aproximado de R\$ 30 bilhões, de 2025 a 2028, para obras nas áreas de papel e celulose, portos e perfuração offshore na baía de Pelotas.

Como desafios do setor da construção civil, o dirigente destaca a falta de recursos e ausência de celeridade diante do excesso de burocracia na área pública. Entre os obstáculos para 2025, Teitelbaum cita o atual patamar da taxa de juros do País, que direciona recursos para o segmento financeiro e os retira dos investimentos produtivos. “Isso está comprometendo a captação líquida da poupança e, por consequência, os recursos para financiamento imobiliário via Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE).”

Para Teitelbaum, a reforma tributária como inicialmente proposta contempla um redutor de 40% de alíquota, que não atende o setor e promove aumento expressivo da carga tributária sobre bens imóveis. “Esta redução de alíquota de 40% impacta a tributação dos segmentos de loteamentos, intermediação de imóveis e administração de imóveis”, comenta. Para ele, é importante o setor ter 60% de redução de alíquota para garantir a manutenção da carga tributária do setor e os preços dos imóveis.

Com relação a recursos para obras de reconstrução, o dirigente afirma que é fundamental investir em todo o Rio Grande do Sul, o que passa pela definição das três esferas de poder — federal, estadual e municipal. Sobre a mão de obra, Teitelbaum comenta que o País registra crescimento anual do PIB através de uma estratégia baseada no

consumo das famílias e o Brasil, aponta ele, está com baixa taxa de desemprego.

“Na atualidade está difícil realizar a contratação de colaboradores para qualquer área, administrativa ou operacional. Além disso, o setor da construção civil tem mão de obra nos canteiros com um menor número de jovens”, ressalta. Para ele, a atratividade para trabalhar no setor deveria melhorar, uma vez que os jovens têm hoje uma maior quantidade de opções para emprego.

Sobre a industrialização, o presidente do Sinduscon-RS afirma que a construção precisa ser rápida e segura e a reforma tributária poderá trazer a necessidade de maior industrialização. “A própria construção de interesse social (Minha Casa, Minha Vida) poderá ser demandada por mais tecnologia, a fim de realizar entregas rápidas”, destaca.

De acordo com Teitelbaum, nos últimos anos o crescimento da atividade da construção civil no Rio Grande do Sul foi expressivo.

“Com a pandemia da Covid-19, principalmente com o surgimento de novas necessidades nas moradias, a exemplo de espaço para home office, o setor vivenciou um crescimento muito positivo”, recorda.

Conforme destaca, é sempre bom lembrar o reconhecimento da atividade da construção civil como o motor do desenvolvimento. “Estamos presentes na educação, na segurança, na saúde, na



Claudio Teitelbaum aponta que setor teve cerca de 143 mil carteiras assinadas em 2024

habitação, no desenvolvimento urbano, nas edificações industriais, comerciais e residenciais.”

Conforme lembra o dirigente, o setor gera emprego de forma imediata e em grande escala. “Importante destacar que, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, a construção civil é o terceiro setor com maior salário de admissão, em torno de R\$ 2.315,00”, acrescenta. Mesmo com todas as adversidades enfrentadas no Estado (pandemia de Covid-19 e enchentes), em outubro de 2024 o setor teve cerca de 143 mil carteiras assinadas, um aumento de

aproximadamente 17% em relação a outubro de 2020. No acumulado de 2024 (até outubro) foram geradas mais de 10 mil novas vagas. “Este universo de empregos é superior a 880 mil vagas quando considerados os diretos e indiretos”, explica.

Em função das enchentes, destaca Teitelbaum, iniciativas serão realizadas para a reconstrução do Estado, como moradias para o público-alvo do Minha Casa, Minha Vida, que já são conteúdos de editais públicos, recuperação/construção de pontes e estradas, obras de contenção de cheias e de saneamento.

## Vendas no setor imobiliário vão depender das linhas de financiamento, diz presidente do Secovi/RS



Schukster destaca carência de crédito para diversos setores em 2025

A venda de imóveis depende muito das linhas de financiamento do governo federal, com exceção do segmento de luxo e alto luxo, aponta o setor. Os juros estão aumentando cada vez mais, e as perspectivas dos economistas é de que haja dificuldade nas vendas no setor imobiliário, já que os financiamentos ficarão muito caros. A avaliação é do do presidente do Sindicato da Habitação, que representa as empresas imobiliárias e os condomínios no Rio Grande do Sul (Secovi/RS) e da Associação Gaúcha das Empresas do Mercado Imobiliário (Agademi), Moacyr Schukster.

“A poupança é uma fonte de financiamento muito importante para o setor e ela tem perdido volume e isso vai tornar menos acessível o financiamento com base na poupança. Ou seja, é mais um problema para o mercado imobiliário”, comenta.

Segundo Schukster, com a dificuldade nas linhas de financiamento para as camadas populares, sobra para o setor imobiliário o segmento de luxo e alto luxo, porque os dois segmentos não necessitam de financiamentos - valores a partir de R\$ 3 milhões. “Eles

trabalham com as economias dos próprios compradores. São segmentos que não estão em crise”, destaca. Conforme o presidente do Secovi/Agademi, os segmentos de luxo e alto estão sendo atendidos nas grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro e também em Porto Alegre. “O pessoal está fazendo unidades desse padrão luxo e alto luxo”, explica.

Outra constatação do setor imobiliário diz respeito à falta de mão de obra especializada, principalmente mestres de obra, pedreiros e auxiliares de pedreiro. “Esses profissionais estão em falta no mercado”, explica. Outra preocupação para 2025, de acordo com Schukster, está relacionada ao endividamento da população. “O cliente com dívidas não vai conseguir linhas de financiamento nos bancos”, acrescenta.

O presidente do Secovi/Agademi acredita que para 2025 o governo do presidente Lula fará uma injeção de recursos financeiros no programa Minha Casa, Minha Vida. “O governo federal vai achar um jeito de financiar o setor habitacional. A União não deixará o setor desamparado”, ressalta.

Conforme Schukster, o Brasil e muito setores estão com problemas nas linhas de financiamento, e não só a área imobiliária — também há problemas na indústria e comércio, que necessitam de dinheiro para aumentar o seu capital de giro, sua produção e até para comprar insumos. “A pergunta para 2025 é se os setores da indústria, comércio, bens e serviços terão condições de tocar em frente por falta de capital de giro”, comenta.

Para o presidente do Secovi/Agademi, 2025 não será muito diferente do ano de 2024, onde houve a carência de fontes de financiamento para diversos setores da economia brasileira. O dirigente acredita que a injeção de recursos financeiros externos possa impulsionar a economia do Brasil, o que, segundo ele, é extremamente importante. “A economia vai se equilibrar quando o País tiver uma taxa de empregos satisfatória e um PIB fortalecido”, acrescenta. O dirigente acredita que com o dinheiro circulando mais rapidamente em 2025 haverá uma queda na inadimplência, por exemplo, nos condomínios e locações de lojas no Estado.



## Pensar a Cidade

Bruna Suptitz

contato@pensaracidade.com

# Ano novo, pauta antiga: revisão do Plano Diretor de Porto Alegre seguirá em debate em 2025



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Eventos climáticos, como o que atingiu o Estado em maio de 2024, devem ser tratados pelo planejamento urbano

**Prefeito Sebastião Melo atravessou os quatro anos do primeiro mandato sem colocar em votação o projeto da lei que diz considerar 'a mais importante de uma cidade'**

Pandemia, discordância com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, processo na Justiça questionando o funcionamento do conselho, tragédia climática e social, enchente, eleições: o acumulado destes fatores, somado à condução política do governo municipal, vem postergando há cinco anos a revisão do Plano Diretor de Porto Alegre. Assim, o prefeito reeleito Sebastião Melo (MDB) começou e encerrou seu primeiro mandato à frente da Prefeitura da Capital sem ter concluído a revisão do Plano Diretor, que ele diz considerar “a lei mais importante de uma cidade”.

A expectativa, agora, é que o projeto de lei seja elaborado em 2025 e enviado para a Câmara no mesmo ano. Uma vez lá, seguirá o tempo do Legislativo, como o prefeito Melo costuma dizer – ou seja, não tem como precisar quando será apreciado, nem como garantir que

os vereadores apreciarão a proposta no mesmo ano. Com base no histórico recente, nem mesmo o seu envio pelo Executivo pode ser dado como certo, embora, diferentemente dos outros anos, o trâmite esteja num estágio adiantado.

Soma-se a isso a recente prorrogação até o último dia de 2026 do convênio firmado entre a prefeitura e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) cujo objeto é a coordenação do projeto “POA 2030, Inovadora, Integrada, Resiliente e Sustentável”, que trata da revisão do Plano Diretor. O novo prazo implicou também em aditivo no valor repassado, para a agência da ONU, para que se trabalhe em um projeto específico para tratar do bairro Arquipélago – que contempla as Ilhas da cidade, região muito atingida em maio deste ano, mas que sofre com frequência muito maior que o restante da cidade com inundações do Rio Jacuí

E como não tinha como ser diferente, o evento climático extremo que atingiu todo o Estado em maio mudou a agenda dos governos e a rotina de toda a sociedade. Assim como a pandemia de Covid-19 mobilizou novas formas de pensar moradia, espaço de trabalho e áreas públicas,

a enchente de maio de 2024, a maior da história do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, provoca a pensar na relação entre a cidade e a natureza, área construída e corpos d'água, prevenção e mitigação. O projeto de lei da revisão, que Melo queria remeter ao Legislativo após a eleição, ficará para 2025, com uma Câmara sob nova composição.

Embora a Capital tenha um Plano de Ação Climática que analisa “riscos e vulnerabilidades climáticas” da cidade como um todo, a real adaptação acontece na soma das ações locais. É assim que o planejamento urbano pode cumprir seu papel de indutor do desenvolvimento sustentável, promovendo incentivos às boas práticas, fazendo valer a função de frear avanços indiscriminados sobre os espaços verdes a serem preservados, e fiscalizando práticas divergentes dos objetivos da cidade.

Para 2025, caberá à sociedade em Porto Alegre – e em todos os outros municípios gaúchos onde planos diretores serão elaborados ou revisados a partir deste ano – acompanhar e cobrar coerência entre o desenvolvimento urbano planejado no presente para um futuro seguro para todos.

## Vai e vem da revisão

O primeiro passo do atual trâmite do Plano Diretor de Porto Alegre, que deveria ter sua revisão aprovada entre 2019 e 2020, foi dado somente no segundo semestre de 2019. Contando com o ano seguinte para os debates e a realização dos estudos, o então prefeito Nelson Marchezan Junior (PSDB, 2017-2020) assumiu o risco de correr contra o prazo. E, com a emergência sanitária da Covid-19, viu seu governo encerrar sem interferir de maneira significativa no planejamento urbano da Capital.

Com as atividades participativas suspensas entre março de 2020 e o fim de 2021, a revisão pouco andou nestes dois anos. Em 2022, já no governo Sebastião Melo, a prefeitura decidiu abrir mão das tratativas com a Ufrgs, que auxiliaria na elaboração de estudos.

Por meio do Pnud (órgão da ONU com o qual mantém convênio para intermediar a contratação de consultorias), passou a contar com apoio da Ernst & Young.

Entre o fim de 2022 e o ano seguinte, a revisão retomou algum fôlego com a realização de seminários, conferências, oficinas e reuniões em grupos, além do início da apresentação de estudos e propostas a serem seguidas no planejamento urbano da Capital.

O cenário mudou com 2023 quase fechando as portas. Prorrogando o mandato dos integrantes do Conselho do Plano Diretor por mais de três anos, o governo Melo foi instado pela justiça a realizar eleições para definir os representantes comunitários e da sociedade civil no colegiado e, somente após, dar continuidade ao trâmite.

Com o processo parcialmente parado, a atenção se voltou às eleições, no início do ano, que alcançaram número recorde de inscritos e votantes. A posse do colegiado, em abril de 2024, não aconteceu em tempo suficiente para garantir a retomada das atividades, sendo novamente impactada, desta vez pelo evento climático extremo que atingiu o Estado.

## Emergência climática e transformação ecológica

No mesmo ano que receberá a Conferência das Nações Unidas para o Clima – a COP 30 (mais na página 32) – o Brasil realizará a 5ª Conferência Nacional do Meio Ambiente. Com o tema “A emergência climática e o desafio da transformação ecológica”, será “um convite ao debate das melhores escolhas num momento tão desafiador da história, tanto para reduzir as emissões como para nos adaptarmos aos efeitos já visíveis do aquecimento global”, informa a página oficial do evento, realizado pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima.

Cerca de um terço dos municípios brasileiros (1.942) estão classificados pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) como em situação de risco significativo devido à frequência e intensidade dos eventos climáticos extremos. Já a plataforma Adapta Brasil mostra que metade dos municípios brasileiros tem vulnerabilidade alta ou muito alta diante de desastres chamados geo-hidrológicos, como inundações, enxurradas e

deslizamentos de terra. E quase um a cada quatro municípios tem vulnerabilidade alta ou muito alta a secas.

O caso gaúcho, com a sequência de eventos climáticos extremos registrados nos últimos dois anos que teve o auge em maio de 2024, estará no centro da pauta. “Este evento sublinha a urgência de desenvolver estratégias mais robustas e baseadas em evidências científicas para a gestão de crises e a mitigação de desastres naturais, além de destacar a importância de investir em medidas adaptativas e preventivas em resposta às mudanças climáticas globais”, diz o comunicado do evento.

A base para as discussões que acontecerão em Brasília em maio de 2025 serão as etapas municipais e estaduais da conferência, além de conferências livres que poderão se somar ao debate. No Rio Grande do Sul, 30 municípios já realizaram ou têm data marcada para os encontros. Em Porto Alegre a conferência está prevista para os dias 23 e 24 de janeiro. No Estado, deverá acontecer até 15 de março.



PREFEITURA DE PORTO ALEGRE

# Concessão do Dmae e revisão do Plano Diretor de Porto Alegre devem ser projetos prioritários em 2025

**Crescimento da oposição no Parlamento trará desafios para aprovação de propostas da prefeitura**

Ana Carolina Stobbe  
ana.stobbe@jcrs.com.br

A Câmara Municipal de Porto Alegre iniciará o ano de 2025 com uma nova configuração. Além da redução no número de cadeiras do Legislativo — que passou de 36 para 35 —, uma das mudanças trazidas nas eleições foi a conquista de um terço dos assentos do Parlamento pela oposição ao prefeito reeleito Sebastião Melo (MDB), que elegeu 12 vereadores. Assim, o Executivo terá desafios para a aprovação de projetos de sua autoria, incluindo as duas principais matérias que devem

tramitar ao longo do ano: a concessão do Departamento Municipal de Águas e Esgotos (Dmae) à iniciativa privada e a revisão do Plano Diretor.

O projeto que trata do Plano Diretor já era para ter chegado ao Legislativo em 2021, visto que as revisões do texto deveriam ser realizadas a cada 10 anos. Entretanto, atrasou devido à pandemia de Covid-19, e apenas no início de 2024 foram eleitos os conselheiros responsáveis por auxiliar na construção do planejamento.

Para a sua aprovação, é necessário obter o voto favorável da maioria absoluta dos vereadores, que é de dois terços mais um. Assim, a prefeitura e a base deverão negociar com a oposição para terem sucesso.

A revisão deverá levar em consideração as enchentes ocorridas em maio na Capital e, de acordo com as propostas de campanha de Melo,



Governo de Sebastião Melo terá 12 vereadores de oposição entre os 35 que integrarão a Câmara de Porto Alegre

poderá trazer a ampliação de parcerias público-privadas e priorizar incentivo construtivo para o Centro Histórico e o 4º Distrito.

Já a concessão dos serviços do Dmae é uma proposta de campanha de Melo que deverá chegar ao Legislativo ainda no primeiro semestre de 2025. A minuta do projeto de lei que recebeu parecer favorável da Procuradoria-Geral do Município não define se a outorga será parcial ou total à iniciativa

privada. No texto, também é proposta uma mudança na composição do conselho da autarquia, que poderá perder o caráter deliberativo e se tornar consultivo.

Caso a matéria inclua a transferência de bens públicos, o projeto também precisará ser costurado com a oposição. Afinal, para isso, a proposta deverá ser de emenda à lei orgânica do município, que necessita de maioria absoluta para aprovação.

No entanto, é possível que a oposição delegue apenas os serviços à iniciativa privada e seja apresentada como um projeto de lei. Nesse segundo caso, é necessário apenas metade dos votos mais um para passar.

Independentemente da formulação do projeto, ele deverá provocar intensos debates entre os vereadores. Afinal, até mesmo membros da base governista divergem em relação à concessão.

## Na Câmara Municipal, oposição promete fiscalizar; centro e direita devem garantir presidência

Quando foi derrotada pelas urnas no segundo turno das eleições deste ano, a candidata à prefeitura de Porto Alegre Maria do Rosário (PT) reforçou o caráter fiscalizador que a oposição deverá exercer no Legislativo ao longo da próxima gestão do prefeito reeleito Sebastião Melo (MDB). O bloco de oposição cresceu em relação à última legislatura, conquistando um terço das vagas do Parlamento.

A promessa foi reafirmada pelo atual líder da oposição, Roberto

Robaina (PSOL), em entrevista à reportagem: “vamos fiscalizar e cobrar mais do que nunca, além de impulsionar a auto-organização do povo para fazer as suas reivindicações e para que Porto Alegre não retroceda”. Com 12 vereadores, o bloco sozinho será capaz de aprovar pedidos para a instauração de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs).

Melo, por sua vez, diz que dialogará com partidos que hoje se posicionam como independentes

na Câmara Municipal e que tratará a oposição com respeito.

“Primeiro, tem que compor uma base. Tem os vereadores que foram eleitos da base, aí tem dois do Novo, três do PSDB e um do PDT. É uma bancada de seis. Além da base, vou conversar com eles. E vou respeitar a oposição, mas é difícil contar com eles”, admitiu durante visita ao Jornal do Comércio logo após a eleição. Em novembro, foi confirmado que o partido Novo deverá integrar a equipe do governo.

Apesar do crescimento dos partidos vinculados ao campo político da esquerda e que compõem a oposição, o controle do Parlamento deverá ficar nas mãos dos partidos de centro e direita. No primeiro ano, a articulação tem favorecido a vereadora Comandante Nádia (PL), vinculada à direita.

Nas outras três gestões que devem ocorrer ao longo da legislatura, a presidência está sendo pretendida principalmente por outros quatro nomes: José Freitas

(Republicanos), Mauro Pinheiro (PP), Moisés Barboza (PSDB) e Tanise Sabino (MDB).

A oposição deve tentar emplacar um candidato na disputa, mas deverá enfrentar dificuldade para obter acordo com a base.

A última vez que um parlamentar vinculado à esquerda presidiu a Câmara de Porto Alegre foi em 2015, quando Mauro Pinheiro ainda era filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e comandou o Parlamento pela primeira vez.



Cadeiras do Poder Legislativo da Capital vão ser distribuídas entre 13 partidos

### A nova composição por bancadas

**PT** Jonas Reis  
Alexandre Bublitz  
Juliana de Souza  
Aldacir Oliboni  
Natasha

**PSDB** Karen Santos  
Grazi Oliveira  
Pedro Ruas  
Roberto Robaina  
Atena Psol

**PL** Jessé Sangalli  
Comandante Nádia  
Fernanda Barth  
Coronel Ustra

**MDB** Psicóloga Tanise Sabino  
Rafael Fleck  
Professor Vitorino

**Republicanos** Gilvani o Gringo  
José Freitas  
Carlo Carotenuto

**PSDB** Moisés Barboza Maluco do Bem  
Marcelo Bernardi  
Gilson Padeiro

**PP** Mariana Lescano  
Vera Armando  
Mauro Pinheiro

**Podemos** Giovane BYL  
Hamilton Sossmeier

**SPCdoB** Erick Dênil  
Giovani Culua e Coletivo

**Novo** Ramiro Rosario  
Tiago Albrecht

**Cidadania23** Marcos Felipi

**CEP** Márcio Bins Ely

**PSD** Claudia Araújo

# COP 30 no Brasil em 2025 debaterá temas desafiadores

**Após a frustrante edição no Azerbaijão, a conferência da ONU sobre mudanças climáticas, que será realizada no Pará no próximo ano, está sob olhares atentos do mundo**

Nico Costamilan  
nico@jcrs.com.br

Dez anos após o Acordo de Paris, a COP 30, conferência mundial que reúne países e organizações para tratar sobre as mudanças do clima, acontecerá em solo brasileiro. O evento será sediado em Belém, no estado do Pará, em 2025, e será decisivo para a emergência climática, avaliam especialistas.

A responsabilidade do Brasil ao sediar a conferência é enorme e tem respingos de frustrações da COP 29, em Baku. Entre as dificuldades estão a possível perda de apoio dos Estados Unidos e o acordo sobre a nova meta de financiamento climático mundial deste ano, que foi aprovado não sem uma boa dose de críticas.

A edição da conferência em 2024 aprovou o financiamento a ser pago pelos países ricos aos em desenvolvimento – ao menos US\$ 300 bilhões (R\$ 1,74 trilhões). No entanto, estudos apontam que nações necessitam de até US\$ 1,3 trilhão (R\$ 7,5 trilhões) para combater os impactos da emergência climática.

Segundo a diretora executiva do Instituto Clima e Sociedade (ICS), Maria Netto, há o reconhecimento de que os países na convenção têm responsabilidades comuns, mas também diferenciadas. Nações desenvolvidas como Estados Unidos e os membros da União Europeia são poluentes históricos, pois se industrializaram mais cedo. Atualmente, países em



Especialistas avaliam que o evento que ocorre em Belém, no estado do Pará, será decisivo para tratar sobre as emergências climáticas

desenvolvimento como China, Índia e Brasil também são responsáveis por grande parte das emissões globais, e debates crescem sobre a atualização da cobrança de cada um.

“A convenção ainda assume que aqueles que têm que tomar liderança têm que apoiar e promover o financiamento, sobretudo para os mais vulneráveis e mais pobres. Assim será possível que países ainda não tão industrializados possam se preparar também para reduzir emissões e se adaptarem à mudança do clima, visto que ela já está acontecendo”, explica Maria.

No Acordo de Paris, que ocorreu na COP 21, em 2015, os países

reunidos se comprometeram a manter o aumento de temperatura média global abaixo dos 2°C e o limitar a 1,5°C em comparação a níveis pré-industriais. Para isso, metas para reduzir as emissões de gases do efeito estufa (GEE) incluiriam esforços conjuntos e cumprimento de acordos.

Eventos climáticos extremos, como as enchentes em maio no Rio Grande do Sul, apontam urgência no investimento e dedicação à pauta climática. Segundo a diretora do ICS, acordos firmados em Paris sobre diminuição de emissões de efeito estufa ainda estão longe de serem cumpridos.

Para a especialista, a diplomacia brasileira enfrentará muitos desafios

e enorme responsabilidade ao sediar a COP 30, como conflitos de interesses entre nações ricas, das quais são cobrados o financiamento climático, e as mais vulneráveis, que o demandam para mitigação e adaptação ao aquecimento global.

Maria explica que a insatisfação de países do Sul global com o investimento deixará para 2025 um legado de falta de confiança entre os países, e na própria convenção.

Outra dificuldade para as negociações em Belém, de acordo com a especialista, é o já esperado afastamento expressivo dos Estados Unidos de pautas relacionadas ao meio ambiente. Em 2019, o então presidente

Donald Trump retirou a nação do Acordo de Paris, decisão revertida por Joe Biden em seu mandato.

Para o professor de Relações Internacionais Fabrício Pontin, da Universidade LaSalle, a troca de governo representa uma significativa mudança na dinâmica de discussões da COP 30. A antecipação é que a colaboração do país diminua e se oponha aos esforços internacionais pelo clima. “Ou haverá um cenário de realinhamento das forças ambientais do ponto de vista global, por esse desaparecimento dos Estados Unidos da jogada, ou um esvaziamento total da pauta. E isso seria trágico para a discussão do Meio Ambiente”, destaca.

## Mundo à sombra do retorno de Donald Trump ao poder

Em 2025, Donald Trump volta ao poder e já sinaliza planos de retirar novamente os Estados Unidos do Acordo de Paris. Para Fabrício Pontin, é esperado uma diminuição do investimento público em fundos ambientais. “O enfoque do Trump é na exploração de recursos naturais, não necessariamente na preservação. Então o que veremos será provavelmente um enfoque na desregulamentação por parte do governo em medidas de maior relativização e exploração ambiental”, prevê.

No entanto, o desvio da pauta pelo governo não significa que o país abandonará completamente as

políticas climáticas – a autonomia dos estados garante que políticas pelo clima e pela preservação ainda sejam colocadas em prática, a exemplo da Califórnia. Após a saída do país do Acordo de Paris, o estado seguiu com metas próprias contra o aquecimento global, ambiciosas e independentes do governo federal, comenta o professor.

Ainda assim, com o retorno de Trump, que terá controle total do Legislativo norte-americano por pelo menos dois anos após tomar posse em janeiro de 2025, mudanças feitas pelo presidente no setor ambiental terão pouca resistência. Para Pontin,

os republicanos estão alinhados com Trump na pouca necessidade da presença federal na regulamentação ambiental, que poderia contar com o setor privado e os estados dentro da federação.

O recuo dos EUA nas discussões da COP 30 pode ter consequências definitivas para o futuro da conferência, avalia a diretora do Instituto Clima e Sociedade. A omissão do país nas negociações seria muito negativa, explica Maria Netto. “Precisaríamos que um dos países mais emissores do mundo participasse, para que o acordo global seja efetivo.”

Com a posição norte-americana,

a ação do Brasil na COP 30 é essencial. “Mesmo que eles não participem de alguma forma, vai ser necessário que o País faça uma diplomacia importante para que, se os EUA não estiverem dentro, pelo menos os outros países tenham ambição o suficiente para avançar”, afirma.

Segundo a especialista, quando os americanos se retiraram das negociações em 2019, países que não eram líderes globais no setor começaram a cobrir a lacuna no protagonismo das medidas pelo clima. “Há um interesse até geopolítico de manter a sua relevância e poder ter um papel estratégico”, explica Maria.

Já para Pontin, o risco que se corre com o afastamento é o enfraquecimento do sistema COP, com países seguindo a linha de Donald Trump, resultando em um esvaziamento da conferência – menos consensos, menos decisões satisfatórias, e uma descrença no modelo de negociação. Segundo o docente, é possível um realinhamento das forças ambientais globais, com a substituição da liderança dos Estados Unidos por outras nações interessadas – ou, uma perda total. “A política ambiental precisa de uma focalização global, se não ela não vai funcionar”, considera.



Para 2025, o governo do Estado já tem aprovados R\$ 6,5 bilhões junto à União para financiar obras de proteção contra cheias e reconstrução dos municípios atingidos pela enchente

CLIMA

## Rio Grande do Sul tem que aprender com a tragédia de 2024

**Políticos e especialistas ambientais debatem soluções para o futuro do Estado**

**Gabriel Margonar**  
gabrielm@jcrs.com.br

Quando 2023 chegou ao fim, os gaúchos, ainda assustados pelas enchentes que assolaram o Estado em setembro e novembro daquele ano, tinham apenas a primeira amostra do impacto do aquecimento global na região. Hoje, no entanto, o cenário tornou-se ainda mais dramático. No último mês de maio, o Rio Grande do Sul enfrentou o maior evento climático de sua história, e a força das águas não apenas alagou quase todas as cidades do Estado, incluindo Porto Alegre, mas também deixou marcas profundas na memória coletiva, expondo a fragilidade da infraestrutura diante da intensificação dos fenômenos ambientais extremos.

A tragédia é mais do que um marco doloroso — é um alerta de que os impactos do aquecimento global já são uma realidade que exige respostas imediatas. Diante desse cenário, o Jornal do Comércio ouviu lideranças políticas e especialistas ambientais para entender o que está sendo planejado para 2025, um ano que desponta como decisivo na busca por soluções para mitigar os impactos da crise.

“Desastres não são naturais; são resultado das nossas escolhas.” Com essa frase, o engenheiro florestal e PhD em Desastres Naturais, Marcos Leandro Kazmierczak, resume a realidade enfrentada pelo Rio Grande do Sul. Como já citado, a maior tragédia ambiental da bicentenária história gaúcha expôs não apenas a intensidade dos eventos climáticos, mas também a falta de preparação para lidar com eles. Sete meses depois, os impactos seguem presentes: casas ainda aguardam laudos da Defesa Civil, muitas escolas continuam fechadas,

e a infraestrutura permanece longe da ideal para evitar novos desastres.

Kazmierczak afirma que o Estado não pode mais encarar essas tragédias como eventos isolados. “Os desastres estão se tornando frequentes e intensos, e os números são alarmantes. Nos últimos 20 anos, houve um aumento de 191% nos eventos climáticos extremos. O impacto econômico subiu 1.300%, e



O desastre fez o governo do Estado repensar todos seus projetos, inclusive aqueles para as próximas gestões

Secretária Marjorie Kauffmann

o número de edificações danificadas ou destruídas aumentou em 4.500%. Não podemos ignorar isso”, alerta, destacando que, embora seja impossível prever com certeza se novos episódios ocorrerão em 2025, há uma clara tendência de que fenômenos semelhantes voltem a se repetir em breve.

Para ele, as lições deixadas pela recente tragédia são claras: é preciso repensar a governança, a infraestrutura e a consciência pública. “Metade dos municípios não possui planos diretores que considerem a prevenção de enchentes e deslizamentos. A maioria das Defesas Civas municipais é subdimensionada e falta infraestrutura básica, como computadores e barcos para emergências”, critica.

O especialista destaca ainda a importância de ações mais eficientes para monitorar riscos e preparar as comunidades. “Precisamos de mais radares meteorológicos e sensores nos rios, e esses dados precisam ser usados estrategicamente para alertar a população.”



A sustentabilidade não pode ser alcançada apenas com ações da prefeitura, mas com ajuda de todos

Prefeito Sebastião Melo

O engenheiro enfatiza que as políticas públicas precisam ir além da resposta emergencial, com foco em prevenção, e que o cenário de 2024 deve servir como um ponto de virada em 2025. “Estamos em uma emergência climática, e as escolhas feitas agora determinarão o nosso futuro. Agir é essencial para evitar mais tragédias”, conclui.

### Porto Alegre, Estado e União trabalham por soluções para amenizar a crise

Com a criação de um fundo de R\$ 6,5 bilhões para financiar obras de proteção contra cheias, aprovado em parceria com a União, o Rio Grande do Sul tem, agora, o desafio de reconstruir e prevenir novos desastres climáticos. Entre os projetos previstos para 2025, destacam-se intervenções no rio Jacuí, que já têm destinado uma verba de R\$ 531 milhões, e no Arroio Feijó, que conta com aporte de R\$ 2,5 bilhões. Sistemas de proteção para os rios Sinos e Gravataí estão em fase de análise ambiental, enquanto o sistema Taquari-Antas avançou para aprovação do plano de trabalho pelo governo federal.

Em Porto Alegre, de acordo com o prefeito Sebastião Melo, o desastre evidenciou a necessidade de acelerar projetos estruturais e ampliar a colaboração entre as esferas de governo. “Esse evento mostrou que a cidade possui infraestrutura sólida em muitos aspectos, mas também grandes desafios. Estamos com obras em andamento para reconstruir e ampliar sistemas de proteção contra as cheias, estamos revitalizando o Arroio Ipiranga e implementando um plano de adaptação climática que inclui metas de redução de emissões de gases até 2030”, elencou.

Entre as ações planejadas, estão

projetos de drenagem em áreas críticas como o Cristal e o Lami. Segundo Melo, a cidade também busca mobilizar a população para questões sustentáveis, como o descarte adequado do lixo, apontado como problema frequente, especialmente no Arroio Ipiranga, onde são retirados 700 quilos de resíduos por dia. Ele enfatiza que “a sustentabilidade não pode ser alcançada apenas por ações do governo” e que “a cidade necessita da parceria entre o poder público e a sociedade para se preparar corretamente para os desafios climáticos”.

No âmbito estadual, a secretária

do Meio Ambiente, Marjorie Kauffmann, afirma que a resposta ao desastre, principalmente através do Plano Rio Grande — programa que propõe medidas para atenuar os impactos causados pelas enchentes — não se limita à reconstrução, mas também envolve um planejamento integrado.

“O desastre de maio fez o governo repensar todos os seus projetos e políticas, inclusive os que serão implementados após a gestão atual. Estamos fortalecendo a colaboração entre secretarias, prefeituras e a Defesa Civil. É uma iniciativa abrangente que prepara a população para eventos

extremos e assegura que as obras estejam alinhadas à nova realidade climática”, afirmou.

A secretária também mencionou o papel do Proclima 2050, lançado em 2023, que incentiva energias renováveis, combate o desmatamento e promove a agricultura de baixo carbono. “A enchente de 2024 acelerou essas medidas. Na COP 29, em Baku, destacamos a importância de estados e municípios no enfrentamento à crise climática. Criamos um roadmap que mapeia como os 497 municípios do estado estão avançando nessa pauta”, explicou.

# Com Gauchão especial, Inter e Grêmio apertam os cintos e devem economizar em 2025

Se recuperando do prejuízo nos cofres por conta das enchentes, a dupla Gre-Nal encara 2025 com a responsabilidade de botar o pé no freio nos investimentos. Será uma temporada de criatividade no mercado, com um dosador de ânimo já na largada: o Gauchão valendo o inédito octacampeonato para o Grêmio e, para o Inter, a missão de impedir uma hegemonia reservada, até então, apenas para si. Além disso, o Tricolor tem a missão de reformular o grupo sem a sombra de Renato Portaluppi. Mais à frente, com o calendário cheio e a novidade do Super Mundial, Grêmio e Inter apostam em um planejamento esportivo calculado para montar elencos sem comprometer o caixa e manter o equilíbrio perante as fortes potências do futebol brasileiro.

## Com reformulações a caminho, Grêmio projeta uma cara nova para próxima temporada

Rodrigo Stolzmann  
rodrigost@jcrs.com.br

Mudança é a palavra para o Grêmio em 2025. Tendo desempenhado muito abaixo do esperado nesta temporada, os bastidores apontam para reformulações contundentes. As saídas de Renato Portaluppi e Antônio Brum, precedidas pela ruptura com seus auxiliares, o treinador de goleiros e o preparador físico, deram início a um intenso período de metamorfoses. As transformações devem se estender pelos diferentes setores do Tricolor, englobando tanto as quatro linhas (comissão técnica, preparadores e atletas) quanto o extracampo (executivo, conselho e direção). Tudo indica que esse é só o começo.

Para ocupar a cadeira até então vazia, Alexandre Rossato, advogado e atual chefe de gabinete, assumiu a vice-presidência de futebol. Cesar Augusto Peixoto, por sua vez, foi o escolhido para exercer o cargo de diretor de futebol. Essa dupla, junto à comissão técnica, será decisiva no planejamento da próxima temporada, inclusive no que diz respeito às contratações e dispensas.

As definições do ano passarão também por outro elemento importante: a política. O presidente Alberto Guerra chegará em seu último ano de mandato na gestão do clube e ainda não há confirmação sobre sua candidatura à reeleição. O que se pode prospectar com um pouco mais de assertividade, no entanto, é o seu adversário. Paulo Caleffi, ex-vice-presidente de Guerra, deixou prematuramente o cargo após desafeto público entre as partes e, em 2025, deve figurar como representante da oposição. De amigos e companheiros de gestão a adversários nas urnas. Espera-se que, em caso de



GUILHERME TESTA/GFPA/JC

desistência do atual mandatário, Luciano Felzens será lançado em seu lugar.

Saindo das urnas e indo para os cofres, o Grêmio, em reunião do Conselho Deliberativo, aprovou um orçamento bruto de R\$ 548 milhões para o próximo exercício. Esperando uma arrecadação R\$ 73 milhões acima da receita prevista para 2024, o Tricolor deseja ajeitar a casa e terminar o ano com um lucro (simbólico) de R\$ 75 mil. A ideia é quebrar o mau hábito e, após três anos consecutivos de déficit, comemorar o Réveillon no positivo.

Entre o fim de antigos ciclos e o início de novos, o Grêmio irá ao mercado com as pretendidas reformulações em mente. A aposentadoria de Pedro Geromel, as lesões de Kannemann e Rodrigo Ely e a indefinição de outros atletas da posição tornam a carência de zagueiros evidente.

Para além da questão quantitativa, o sistema defensivo se mostrou ineficiente. Só no Brasileirão, o Tricolor sofreu 50 gols em 38 partidas. Tendo essas situações postas, a defesa deve ser vista como prioridade na janela de transferências. O clube, entretanto, precisará conciliar os seus anseios com o orçamento limitado que tem à disposição.

No que diz respeito às competições para a próxima temporada, o Tricolor já tem os objetivos financeiros bem definidos. O clube espera, no ano de 2025, figurar entre os oito melhores colocados do Brasileirão. Já nas Copas, onde tradicionalmente se sobressai, a meta é alcançar as quartas de final, tanto na Copa do Brasil quanto na Sul-Americana. À procura de um posicionamento oficial, a redação procurou o presidente Alberto Guerra, porém o dirigente optou por não falar. E, até o fechamento desta matéria, o novo treinador do Grêmio ainda não havia sido contratado.

## Barcellos destaca importância do primeiro semestre do Inter após anos conturbados

Cássio Fonseca  
cassiof@jcrs.com.br

Dentro de campo, o trabalho no Inter é sólido e prevê continuidade sob o guarda-chuva do novo organograma da direção, destacado pela presença do ídolo D'Alessandro na ponte entre comissão técnica e cartolas. A grande questão é as possíveis saídas, suas reposições e o quebra-cabeça a ser montado pelo técnico Roger Machado, que terá sua primeira prova de fogo à frente do Colorado. O comandante, que viveu o outro lado, sabe do peso da rivalidade Gre-Nal e terá a missão de impedir o octa gremista no Gauchão.

Para isso, ele preza pela manutenção da base, algo que o presidente do clube, Alessandro Barcellos, também vê como primordial para 2025. "Este grupo vem sendo montado há mais de dois anos, com a ideia de suportar o período do mandato (até 2026). A ideia é a manutenção, sabendo que temos a necessidade de venda pelo orçamento e a reposição com o critério muito claro de equilíbrio financeiro".

Depois de um prejuízo calculado na casa dos R\$ 90 milhões em 2024, devido à tragédia que assolou o Estado, o orçamento de 2025 prevê R\$ 160 milhões na venda de atletas, as quais Barcellos não coloca um prazo, deixando claro que podem ocorrer ao longo da temporada que está por vir — negociações fechadas nos próximos dias entram no recorte deste ano.

Diante desse déficit, o mandatário explica que o equilíbrio operacional, até um ano atrás, era contemplado pelos superávits do primeiro mandato e, agora, é preciso voltar algumas casas para restabelecer esta realidade. Nesse contexto, sem a aprovação do projeto de debêntures junto ao Conselho



DANIEL MARENCO/INTER/JC

Deliberativo, resta a atual gestão vender ativos para estancar a dívida.

Outro ponto de atenção é o ciclo que parece ter se instaurado no Beira-Rio. Após um primeiro semestre abaixo, ocorre a troca no comando técnico e uma reta final de futebol seguro e esperançoso, até que o processo se repita no ano seguinte. Nesta temporada, Barcellos relembra as enchentes, que afastaram o clube de seu estádio e centro de treinamentos, e impediram o que seria uma temporada de recuperação ainda nas Copas, após a eliminação no Estadual.

A confiança em Roger e a consciência dos profissionais recém-chegados sobre este cenário, além da pré-temporada, beneficiando atletas como Borré, que veio da Europa e não parou desde 2023, também são pontos exaltados pelo presidente.

Quanto à concorrência, como citado acima, as ricas potências do futebol brasileiro, neste caso Flamengo, Botafogo e Palmeiras, despontam como times a serem batidos, inclusive na Libertadores. "Hoje, estes são os clubes mais poderosos do País e preocupam os demais", garante Barcellos.

Para muitos, o método para combatê-los é, assim como vários outros no Brasil, virar SAF. O presidente explica que, por conta do ano atípico, o debate sobre este e outros modelos de gestão, que deveria se intensificar, estagnou e deve retomar seu curso em breve. "Não envolve só a SAF, mas achamos soluções para enfrentar o endividamento e buscarmos uma forma de investimento no clube de médio e longo prazo. Vamos trabalhar provocando o Conselho Deliberativo e a própria gestão. O Inter precisa enfrentar esse debate". A tendência, de momento, é que o clube se mantenha associativo.

ARTES VISUAIS

# 14ª Bienal do Mercosul acelera o pulso cultural da Capital

**Para além de oferecer ao público uma extensa programação gratuita, evento também deve contribuir para vendas do comércio e do turismo**

**Adriana Lampert**  
adriana@jornaldocomercio.com.br

Em 2025, Porto Alegre receberá, através da 14ª Bienal do Mercosul, um convite para olhar para a vida sob outra perspectiva. Considerada como uma das mais importantes mostras de arte contemporânea da América do Sul, o evento acontece na Capital entre os dias 27 de março e 1 de junho, oferecendo ao público uma programação cultural e educativa, que abrange a exposição de obras de 76 artistas, de 30 países, e que terá como tema central a palavra *Estalo*. Para além da mostra de artes visuais, a 14ª Bienal do Mercosul ainda contará com atividades paralelas que ativarão diferentes centros culturais, museus e espaços públicos da cidade, através de palestras, eventos, exposições de filmes, festas, saídas de campo, oficinas, entre outras atrações.

“Será a Bienal das bienais”, promete a presidente da Bienal do Mercosul, Carmen Ferrão, que cumpre seu segundo mandato à frente do evento. “Na 13ª Bienal, abordamos o tema *Trauma, sonho e fuga* e nosso principal desafio era realizar a mostra no formato presencial, pois saíamos do período de pandemia de Covid-19”, recorda Carmen. “Agora é outro momento: precisamos falar de vida”, comenta a empresária, emendando que, ao contrário do que pudesse imaginar, o grande desafio de sua gestão veio justamente este ano. “Esta edição era para

ter ocorrido em setembro de 2024, mas, devido às enchentes no Rio Grande do Sul, precisamos transferir para março – e, atualmente, ainda existem muitos espaços (como o Margs e o Farol Santander) que ainda estão se reestruturando para poder receber a visitação do público.”

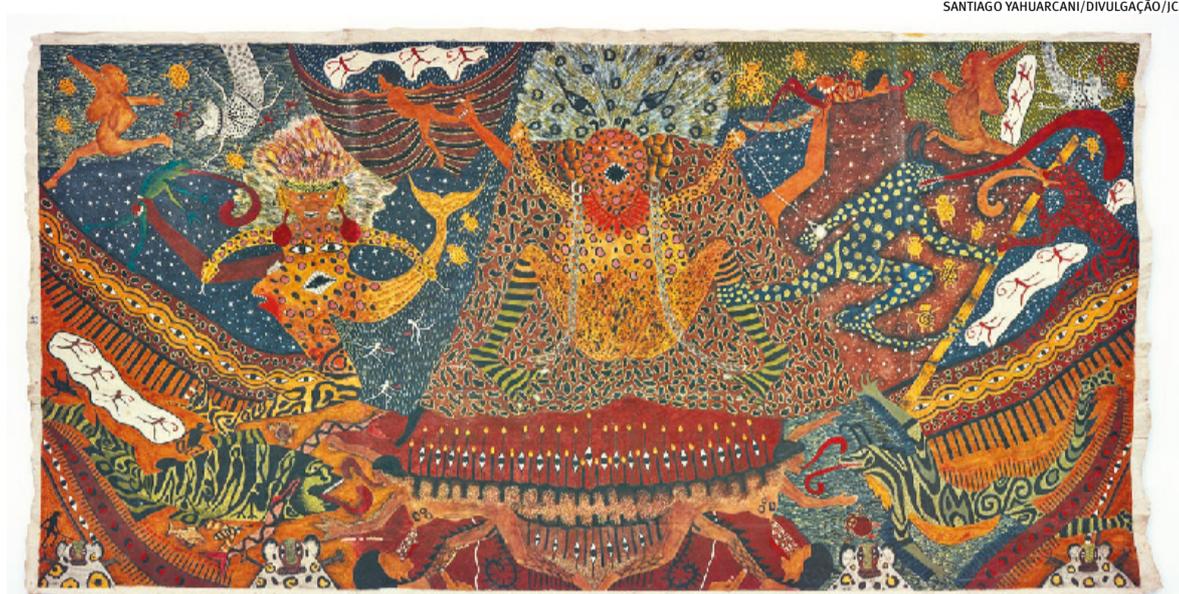
De acordo com Carmen, a expectativa é de que o evento de 2025 supere os 860 mil visitantes da última edição, ocorrida em 2022. “A meta é chegar a 1 milhão de pessoas.” A presidente da Bienal do Mercosul destaca que parte “importantíssima” deste público é formada por estudantes. “Recebemos muitas escolas de diversos municípios gaúchos, e, para as da rede pública, disponibilizamos transporte gratuito. É emocionante de ver como os alunos adoram participar do evento: eles curtem, prestam atenção, perguntam.”

A dirigente emenda que a Bienal do Mercosul se destaca por sua curadoria educativa, que visa aproximar a mostra principal de públicos diversos. “Iremos estar trabalhando com 100 monitores, que passam por aprendizado para explicar as obras e receber os visitantes da melhor maneira. Também enviamos material preparado pela curadoria educativa aos professores de escolas públicas, para que possam abordar o conteúdo com os alunos, antes da visita à mostra.”

De acordo com o curador-chefe da 14ª edição do evento, Raphael Fonseca, o conceito da exposição tem como principal objetivo lidar com a noção de transformação. “Em um estalar de dedos e em um breve fragmento do tempo, nossos corpos e a natureza, por exemplo, passam por transformações de diversas magnitudes”, observa. “Das metamorfoses que surgem silenciosamente em nossos organismos aos movimentos bruscos e ruidosos - viver é sinônimo

## Espaços onde acontecerá a 14ª Bienal do Mercosul

- 📍 Cinemateca Capitólio
- 📍 Casa de Cultura Mário Quintana
- 📍 Espaço Força e Luz
- 📍 Estação Cidadania Lomba do Pinheiro
- 📍 Estação Cidadania Restinga
- 📍 Farol Santander
- 📍 Fundação Ecarta
- 📍 Fundação Iberê Camargo
- 📍 Fundação Vera Chaves Barcellos
- 📍 Goethe-Institut Porto Alegre
- 📍 Instituto Ling
- 📍 Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul - MACRS
- 📍 Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS
- 📍 Museu do Hip Hop
- 📍 Museu do Trabalho
- 📍 Pop Center
- 📍 Usina do Gasômetro
- 📍 Vila Flores



SANTIAGO YAHUARCANI/DIVULGAÇÃO/JC

Obra de Santiago Yahuarcani está inserida no conceito da mostra, que vai de 27 de março a 1 de junho

de nunca estarmos em um lugar estável e seguro.” Fonseca também buscou fazer desta edição um evento diverso, representativo e inclusivo. Nesse sentido, a exposição se espalhará por 18 espaços em Porto Alegre, sendo alguns deles (Cinemateca Capitólio, Pop Center, Museu do Hip Hop e Fundação Vera Chaves Barcellos, em Viamão) inéditos na programação da Bienal – viabilizando uma maior adesão da população da Capital às atividades, considerando que nem todos ficam na região central da cidade.

Outra novidade desta Bienal é o projeto Portas para a Arte, que já teve uma prévia na edição anterior, mas agora será ampliado. “No evento de 2025, 40 galerias de Porto Alegre participam do projeto promovendo uma exposição de um artista local ou nacional durante a realização da Bienal, com duração de pelo menos 15 dias”, explica Carmen. Ela destaca que a proposta é de integração com a comunidade artística da cidade e a promoção de circuitos de visitação. “Outro projeto é o Arte no Prato, um convite à gastronomia, com os chefs de alguns restaurantes preparando pratos inspirados no tema desta edição da mostra. Tudo isso com foco em envolver toda a cidade no evento”, pontua a presidente da Bienal do Mercosul.

Ainda de acordo com Carmen, o objetivo desses projetos e dos Programas Públicos da Bienal (como estão sendo denominadas as atividades paralelas ao evento) é fazer com que a mostra reverbera além das exposições, propondo um constante “estado de bienal”, cuja construção acontece através da experiência dos públicos. Ela avalia que, além de despertar o pertencimento e inclusão dos porto-alegrenses, a expansão da programação também contribui para as vendas do comércio, principalmente de bares e restaurantes, e do turismo.

## Artistas que integram a mostra

- 📍 Ad Minoliti (Argentina, 1980)
- 📍 Alanis Obomsawin (Abenaki/Canadá, 1932)
- 📍 Ali Eyal (Irã, 1994)
- 📍 Amol K. Patil (Índia, 1987)
- 📍 Awilda Sterling-Duprey (Porto Rico, 1947)
- 📍 Berenice Olmedo (México, 1987)
- 📍 biarrizzz (Brasil, 1994)
- 📍 Bonikta (Brasil, 1996)
- 📍 Chico Machado (Brasil, 1964)
- 📍 Christine Sun Kim (Estados Unidos, 1980)
- 📍 Claudia Alarcón (Wichi/Argentina, 1989)
- 📍 Claudio Goulart (Brasil, 1954-2005)
- 📍 Cornelius Cardew (Inglaterra, 1936-1981)
- 📍 Damián Ayma Zepita (Aymara/Bolívia, 1921-1999)
- 📍 Darks Miranda (Brasil, 1985)
- 📍 Diedrick Brackens (Estados Unidos, 1989)
- 📍 Djalma do Alegrete (Brasil, 1931-1994)
- 📍 Eduardo Montelli (Brasil, 1989)
- 📍 Emilija Karnulytė (Lituânia, 1987)
- 📍 Erick Peres (Brasil, 1994)
- 📍 Farah Al Qasimi (Emirados Árabes Unidos, 1991)
- 📍 Fátima Rodrigo (Peru, 1987)
- 📍 Felipe Rezende (Brasil, 1994)
- 📍 Felipe Veeck (Brasil, 1996)
- 📍 Firas Shehadeh (Palestina, 1988)
- 📍 Freddy Mamani (Aymara/Bolívia, 1971)
- 📍 Froid (Brasil, 1986)
- 📍 Fyerool Darma (Singapura, 1987)
- 📍 Heitor dos Prazeres (Brasil, 1898-1966)
- 📍 Gabriel Chaile (Argentina, 1985)
- 📍 Gretchen Bender (Estados Unidos, 1951-2004)
- 📍 Iberê Camargo (Brasil, 1914-1994)
- 📍 Ismael Moticelli (Brasil, 1987)
- 📍 Jacolby Satterwhite (Estados Unidos, 1986)
- 📍 José Ballivián (Bolívia, 1975)
- 📍 Julia Isídrez (Paraguai, 1967)
- 📍 Kira Xonorika (Guarani/Paraguai, 1995)
- 📍 Laryssa Machada (Brasil, 1993)
- 📍 Letícia Lopes (Brasil, 1988)
- 📍 Lorenzo Beust (Brasil, 1997)
- 📍 Marcus Deusededit (Brasil, 1997)
- 📍 Marina Rheingantz (Brasil, 1983)
- 📍 Mauro Fuke (Brasil, 1961)
- 📍 Maya Weishof (Brasil, 1993)
- 📍 Minia Biabiany (Guadalupe, 1988)
- 📍 Nam June Paik (Coreia do Sul, 1932-2006)
- 📍 Natasha Tontey (Indonésia, 1989)
- 📍 Neryda López (Cocama/Tikuna/Peru, 1965)
- 📍 New Red Order (Ojibway e Tlingit/Estados Unidos, 2016)
- 📍 Nicole L'Huillier (Chile, 1988)
- 📍 Nikita Gale (Estados Unidos, 1983)
- 📍 Ogwa (Ishir/Paraguai, 1937-2008)
- 📍 Özgür Kar (Turquia, 1992)
- 📍 Paul Mpagi Sepuya (Estados Unidos, 1982)
- 📍 Randolpho Lamonier (Brasil, 1988)
- 📍 Retratistas do Morro/Afonso Pimenta (Brasil, 1954)
- 📍 Rochelle Costi (Brasil, 1961-2022)
- 📍 Rodrigo Cass (Brasil, 1983)
- 📍 Samson Young (Hong Kong, 1979)
- 📍 Sandra Vásquez de La Horra (Chile, 1967)
- 📍 Santiago Yahuarcani (Cocama/Uitoto/Peru, 1960)
- 📍 Sara Modiano (Colômbia, 1951-2010)
- 📍 Taiki Sakpisit (Tailândia, 1975)
- 📍 Tang Han (China, 1989)
- 📍 Tirzo Martha (Curaçao, 1965)
- 📍 Ulises Beisso (Uruguai, 1958-1996)
- 📍 Urmeer (México, 1991)
- 📍 Valerie Brathwaite (Trinidad & Tobago, 1940)
- 📍 Venuca Evanán (Peru, 1987)
- 📍 Vitória Cribb (Brasil, 1996)
- 📍 William Gutiérrez Peñaloza (Colômbia, 1959)
- 📍 Wiki Pirela (Venezuela, 1992)
- 📍 Yi-Fan Li (Taiwan, 1989)
- 📍 Yong Xiang Li (China, 1991)
- 📍 Yunchul Kim (Coreia do Sul, 1970)
- 📍 Zé Carlos Garcia (Brasil, 1973)

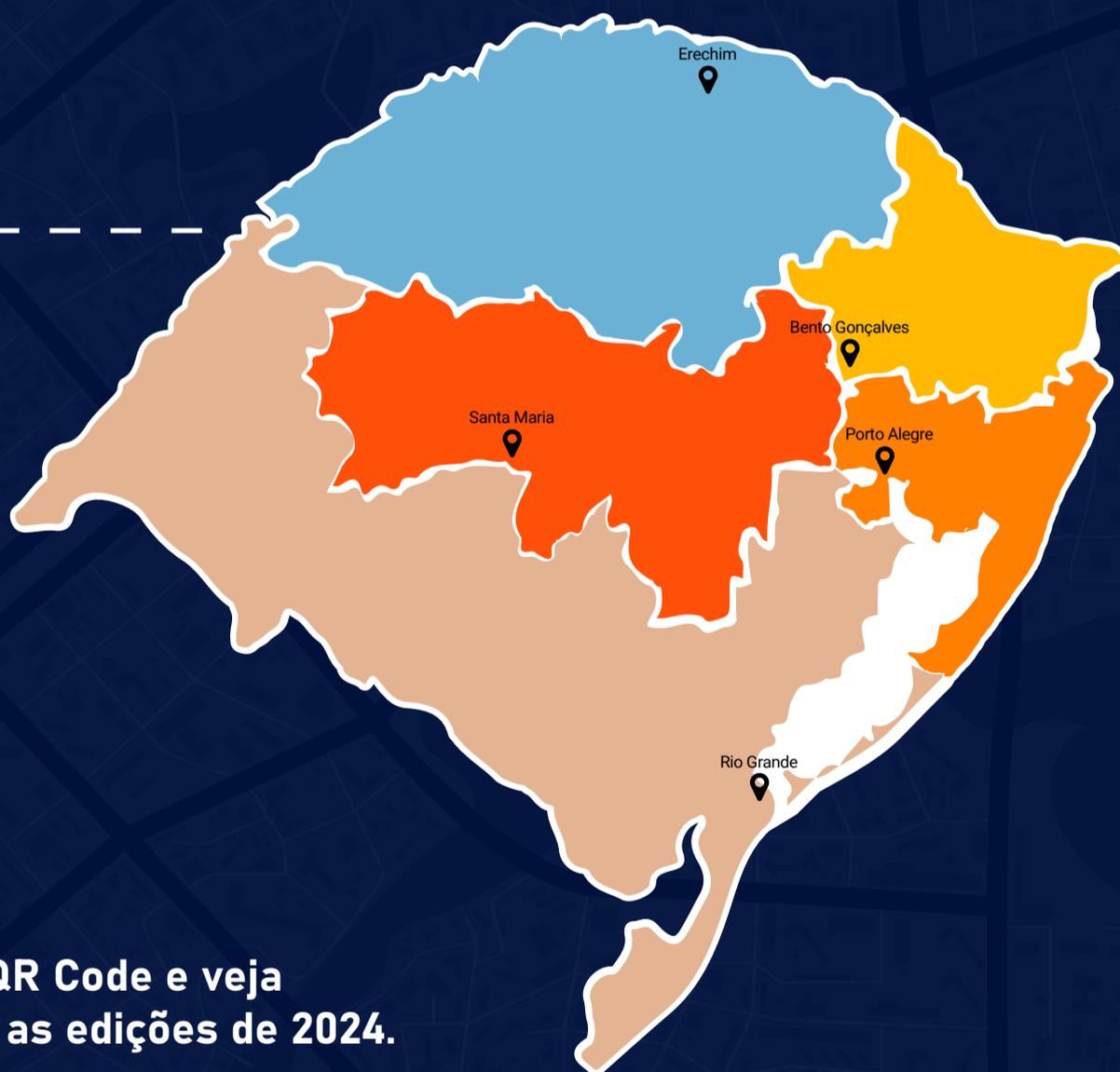
**Jornal do Comércio** 91 ANOS  
O jornal de economia e negócios do RS

**MAPA ECONÔMICO DO RS**

## Acompanhe o Mapa Econômico do RS em 2025

O Jornal do Comércio realizou ao longo de 2024 um raio-x da economia do Rio Grande do Sul. O Mapa Econômico do RS mostrou oportunidades e desafios ao desenvolvimento econômico do Estado, com um panorama das principais cadeias produtivas gaúchas, tendências e dados sobre os 497 municípios gaúchos.

Em 2025, o projeto será ampliado, realizando eventos regionais em novas cidades e mostrando a evolução nas diferentes regiões do Rio Grande do Sul, com indicadores sobre a economia do RS, que servem para a tomada de decisão.



Escaneie o QR Code e veja como foram as edições de 2024.

